convergência

JUL/AGO — 1978 — ANO XI — Nº 114

- **PUEBLA E UMA NOVA IMAGEM DA VIRTUDE**
  Frei Bernardino Leers, OFM — página 330
- **CRISTIANISMO E SECULARIZAÇÃO**
  Frei Clodóvis M. Boff, OSM — página 343
- **TRANSFORMAÇÃO DE UMA OBRA NUMA GRANDE METRÓPOLE**
  Irmã Yolanda Setúbal, CSA — página 368

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar (ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) ..... Cr$ 200,00
Exterior: marítima ..... US$ 17,00
aérea ..... US$ 25,00
Número avulso ..... Cr$ 20,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luis, 100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

Estilização de uma BIRUTA, instrumento técnico que indica o movimento direcional dos ventos nos aeroportos. Um SÍMBOLO, um COMPROMISSO, um APELO para **CONVERGÊNCIA.** SÍMBOLO do que não pode ser: volúvel, inconstante, sem rumo. Quem varia com os ventos é leve demais para as responsabilidades da Vida Religiosa. COMPROMISSO de fidelidade ao que sempre tem procurado ser: sensível ao Espírito, aberta ao que transcende. APELO: combate à indecisão. Fé diante das perspectivas que estão se construindo. Agir com o pé no futuro pois os caminhos se abrem quando cada um se põe a caminhar. Pela força e clareza das idéias que veicula, **CONVERGÊNCIA** quer ser um exercício mensal de esperança na Vida Religiosa renovada.

Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

DE MEDELLÍN A PUEBLA 323

PUEBLA E UMA NOVA IMAGEM DA VIRTUDE,
Frei Bernardino Leers, OFM 330

CRISTIANISMO E SECULARIZAÇÃO
Frei Clodóvis M. Boff, OSM 343

PELAS REGIONAIS
Pe. Celso Sehn, MSF 359

TRANSFORMAÇÃO DE UMA OBRA NUMA GRANDE METRÓPOLE,
Irmã Yolanda Setúbal, CSA 368

LIVROS NOVOS 381

EDITORIAL

É evidentemente palpável o interesse invulgar e extraordinário que a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano suscitou dentro e fora da paisagem do nosso Continente. Desde seu anúncio, por Paulo VI, tomou conta dos ânimos dos segmentos mais importantes nos domínios eclesiásticos. À esta se moveram as atenções do próprio povo, com temores e esperanças.

Em termos de Brasil, tão logo apareceu o Documento de Consulta do CELAM às Conferências Episcopais, Puebla passou a ser assunto do dia da grande imprensa e dos órgãos de divulgação interna. A partir daí, as forças vivas da Igreja organizaram-se em grupos oficiais e não-oficiais. Formalizaram pesquisas, análises e reflexões, a fim de oferecerem subsídios reais, como contribuição, para as opções a serem tomadas a respeito da Evangelização do futuro da América Latina, em Puebla.

Dado ao fato de na América Latina, e de modo especial no Brasil, o serviço pastoral caber, por força de circunstâncias históricas, aos religiosos em número altamente expressivo, a **Conferência dos Religiosos do Brasil,** em tempo, operacionalizou uma pesquisa endereçada às 7.000 comunidades locais para detectar as tendências da Vida Religiosa na área da Formação, da Vida Comunitária, e da Inserção e Pastoral em relação à Evangelização. Os resultados coligidos neste levantamento constituiram-se na contribuição dos religiosos do Brasil em preparação à Puebla, publicados em CONVERGÊNCIA n.º 112 — maio de 1978.

Com o objetivo de ajudar aos Religiosos a constatarem e avaliarem os passos dados na Vida Religiosa, no decênio que se passa entre Madellín e Puebla, a CRB oferece neste número um roteiro de reflexão e um instrumental de análise sobre a realidade de Medellín a Puebla, alguns elementos de juízo sobre esta realidade e sobre as pistas de ação para a caminhada futura. O uso deste instrumento de avaliação, pelas comunidades religiosas locais, terá a finalidade de constatar o quanto o Documento da II Conferência de Medellín de 1968 foi conhecido e absorvido. Será um meio eficaz que ajudará a apontar metas a serem tomadas já sob a luz dos **Subsídios para Puebla,** resultantes da Assembléia Geral Extraordinária dos Bispos do Brasil, realizada em abril último.

Publicamos nesta edição, o artigo **Puebla e Uma Nova Imagem da Virtude** de **Frei Bernardino Leers, OFM.** Esclarece o autor desta reflexão, que de cer-

ta forma, o Documento final de Puebla sobre a Evangelização da Igreja da América Latina poderá cair no vazio se os religiosos que realizarão a verdadeira história do documento não se moverem a um autêntico processo de conversão pessoal. Acentua que o problema não está em formular uma nova doutrina, mas consiste em assumi-la e encarná-la.

Frei Clodovis M. Boff, OSM escreveu o texto: **Cristianismo e Secularização.** O significado do que seja cristianismo sabemos pelo conhecimento e pela vivência. A secularização é um fenômeno, por vezes, controvertido. Pela experiência sabemos que ambas não podem coexistir simultaneamente. Não raro, somos vítimas deste espectro que se projetou sobre a sociedade atual. Com este artigo o autor oferece um estudo esclarecedor do fenômeno da secularização, que em amplitude maior ou menor, avassala setores da vida eclesial. O fenômeno é focalizado em suas várias dimensões, partindo da abordagem sociológica para culminar numa abordagem teológica pastoral, com uma visão clara das suas implicâncias no pólo religioso-cultural (Fé), e no pólo ético-político (Ágape).

A Vida Religiosa, célula da Igreja, inserida na sociedade secularizada de hoje se defronta também com as incidências do fenômeno da secularização que repercute mais ou menos intensamente em muitas de suas expressões e, sobretudo desafia sua autenticidade evangélica. Através da leitura deste texto o leitor tomará um conhecimento mais exato do fenômeno.

Pelas Regionais. São as realizações, aspectos da vitalidade das regionais da CRB no serviço dos religiosos. Com estes informes levamos a você o variado colorido de fatos e acontecimentos da animação da VR que brotam aqui e acolá. Sua apresentação é uma maneira de incentivar, sensibilizar e despertar a família religiosa do Brasil. Um meio de valorizar em dimensões nacionais o que acontece em termos regionais.

Finalmente, concluímos este número, com o relato de **Ir. Yolanda Setubal, CSA** e equipe sobre A **Transformação de Uma Obra Situada Numa Grande Metrópole.** Trata-se do Instituto "Sedes Sapientiae", de São Paulo da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho. É uma obra desta congregação transformada a serviço da população. Vale a pena ler este trabalho pelo gesto concreto e pela descrição da realidade da grande São Paulo, em seus múltiplos aspectos.

Confiante de que os textos da presente edição lhe proporcionaram informação e motivos de reflexão para o bem de sua vida, CONVERGÊNCIA permanece ao seu serviço.

Pe. Celso Sehn, MSF

DE MEDELLÎN A PUEBLA

A Igreja em Medellín optou preferencialmente pelo POVO, pelo POBRES, pela LIBERTAÇÃO INTEGRAL pelas COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Esta opção significou o Batismo para a Igreja Puebla deve ser a Confirmação ou a maturidade do compromisso assumido no Batismo.

Diretoria Nacional da CRB
Executivo Nacional da CRB
Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional

O presente subsídio e questionários foram elaborados pela Diretoria Nacional da CRB, pelo Executivo Nacional da CRB e pela Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional, na reunião do dia 2 de junho de 1978, no Rio de Janeiro. São instrumentos de análise a serviço interno das Regionais da CRB, dos Conselhos Provinciais e das Comunidades Religiosas Locais sobre a caminhada da Vida Religiosa no Brasil, de Medellín a Puebla, e para despertar os Religiosos e as Religiosas a assumirem linhas prospectivas de ação com vistas à **III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.**

Pressupostos

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín (1968) significou o esforço de traduzir as intuições teológico-pastorais do Concílio Vaticano II para as condições concretas em que vive e se debate o nosso continente sul-americano.

O Vaticano II, especialmente na **Gaudium et Spes**, situou a Igreja dentro do mundo moderno, secularizado, pragmático, científico-técnico como sacramento de salvação universal e de caridade. Medellín procurou inserir a Igreja dentro do sub-

mundo no qual vivem oprimidos grandes maiorias de nossos irmãos, como sacramento de liberdade de todas as servidões.

Medellín teve para a Igreja da América Latina o significado de um batismo. Ela se propôs renascer, a partir de 4 opções fundamentais, nascidas de um **ver, julgar e agir** atentos ao contexto social, político e religioso específico de nosso Continente.

A Igreja em Medellín optou preferencialmente pelo POVO, pelos POBRES, pela LIBERTAÇÃO INTEGRAL e pelas COMUNIDADES ECLESIAIS de BASE.

Optou pelo povo. A Igreja deu-se conta de que estava demasiadamente vinculada aos poderes estabelecidos, principais agentes responsáveis do fato de muitos pobres e poucos ricos. Optando pelo povo, ela se dessolidarizou dos grupos dominantes e suas práticas e fez seus os anelos de justiça, participação e dignidade das imensas maiorias pobres e socialmente marginalizadas.

Optou pelos pobres. A maioria do povo é pobre. A pobreza não é inocente. É fruto e conseqüência de forças econômicas e políticas orientadas pelo acúmulo de riqueza e de poder que são conseguidos mediante a exploração e a concentração dos bens nas mãos de poucos sem responsabilidade social. Os pobres, na verdade, são empobrecidos, por relações de injustiça e de quebra da fraternidade. Optar pelos pobres implica lutar pela justiça social e defender os direitos e a dignidade do fraco e do oprimido.

Optou pela Libertação Integral. Não são suficientes, embora sejam também necessárias, meras reformas sociais. Trata-se principalmente do esforço coletivo de se gestar novas formas de convivência entre os homens que tenham como resultado mais justiça e participação de todos nos benefícios gerados pelo trabalho de todos. É o que intenciona a libertação integral. Começa pelos mecanismos que matam a vida física e social como a fome e a doença, a ignorância e a opressão das liberdades; mas não se restringe a isso, pois quer libertar de tudo, das divisões, ódios, pecado e da morte. Por isso a libertação apreciada e intencionada pelo Evangelho e pela Igreja é integral.

Optou pelas CEBs. As comunidades eclesiais de base não são apenas instrumentos de evangelização. São muito mais. Constituem formas como se vive a fé comunitariamente. Trata-se de um modo novo de ser Igreja, de participar, de assumir a missão evangelizadora e de seguir Jesus Cristo. A CEB é o espaço onde a fé se encarna no povo, especialmente nos pobres, articula sua dimensão libertadora e faz a síntese com a vida concreta.

Se Medellín significou o Batismo da Igreja, todos podemos esperar que Puebla seja a Confirmação. E a Confirmação marca a maturidade do compromisso assumido no Batismo.

Análise de nossa realidade, de Medellín a Puebla

1. Você acha que os Documentos de Medellín são suficientemente

conhecidos pela sua Comunidade? **(Subsídios para Puebla, C. N. B. B., 1).**

2. Quais são as repercussões que tiveram tais Documentos em sua Comunidade?

3. Houve obstáculos ou dificuldades na sua Comunidade que tenham impedido o conhecimento ou a aplicação dos Documentos? Quais?

4. Quais as experiências feitas na sua Comunidade como resposta a Medellín? Quais os resultados?

5. Nesses dez anos após Medellín, que passos foram dados por sua Comunidade em vista de uma maior presença junto ao povo?

6. Que tipos de mudanças levaram a um maior compromisso com os pobres?

7. Que é libertação para sua Comunidade e para Você? Onde ela já aconteceu? Quais suas etapas? Qual o trabalho de sua Comunidade neste processo?

8. Na sua Congregação, na sua Província, há inserção em CEBs? Onde?

9. A forma de Vida Religiosa e o trabalho realizado por sua Comunidade estão sendo uma presença crítica na sociedade? Como? **(Subsídios para Puebla, 103, 104, 108, 109).**

Alguns elementos de juízo sobre esta realidade

1. O que Você com sua Comunidade pensam das opções da Igreja, após Medellín, pelo povo, pelos pobres, pelo compromisso pela libertação, pelas CEBs? **(Subsídios para Puebla, 16, 17, 18, 63).**

2. Optando pelo povo, pelos pobres, pelo compromisso pela libertação, pelas CEBs a Igreja se distanciou do sistema. Que razões tem a sua Comunidade a favor ou contra esta opção? **(Subsídios para Puebla, 16, 17, 18, 55, 57, 58, 63).**

3. Como sua Comunidade vê a caminhada da Vida Religiosa nos anos após Medellín? Uma simples reforma? Ou uma busca de maior fidelidade ao Evangelho?

4. Que idéia tem sua Comunidade a respeito dos grupos religiosos que foram viver junto ao povo numa linha de compromisso social com ele? **(Subsídios para Puebla, 22).**

5. Como se vêem as mudanças operadas na Vida Religiosa por causa da opção de muitos grupos assumirem a forma de Pequenas Comunidades no meio dos pobres e procurando com eles a promoção social dos mesmos? **(Subsídios para Puebla, 22).**

Pistas de ação para a caminhada futura

1. Como fazer que os membros de sua Comunidade e as obras de sua Província se coloquem mais a serviço de uma Igreja voltada

para o povo? **(Subsídios para Puebla, 57, 58, 101).**

2. Que meios concretos prevêem sua Comunidade e Província e as obras de sua Província para superar as resistências das pessoas e Comunidades por uma "opção preferencial pelos pobres?" **(Subsídios para Puebla, 87, 103, 105, 108, 110).**

3. Que podem as Comunidades da sua Província organizar em vista de preparar seus membros para tal opção? **(Subsídios para Puebla, 87, 101).**

4. Como conseguir melhor entrosamento entre grupos e pessoas já empenhados no compromisso com o povo? **(Subsídios para Puebla, 101).**

5. Como pretendem a sua Província e Congregação despertar e fomentar o interesse pelas CEBs e preparar seus membros para um trabalho nelas? **(Subsídios para Puebla, 6, 87, 101, 110).**

6. Como fazer para que as pessoas e as obras da sua Província se coloquem mais a serviço de uma transformação da realidade na linha da justiça social? **(Subsídios para Puebla, 55, 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 75, 86, 87, 91, 101, 103, 104).**

7. Que passos concretos devem ser dados agora para que se caminhe nesta linha da opção pelo povo, pobres, compromisso pela libertação, CEBs? **(Subsídios para Puebla, números citados anteriormente).**

Sobre a violência

◆ Do rio que tudo arrasta se diz: violento. Ninguém, todavia, diz violentas, as margens que o comprimem (Bertold Bretch). ◆ A violência não é forma adequada de solução das controvérsias ideológicas nem é terreno fértil para a edificação de instituições sólidas. Ser sábio não é saber revidar as ofensas e sim, entendê-las e perdoar, pois vivemos numa época de perigosa incontinência verbal.

Como ler?

Respondo com uma figura de Jules Renard: no ato da leitura, convém erguer os olhos para o céu assim como a galinha bebe água. Faz-se, então, leitura reflexiva, balizada em pausas e silêncios, o que nos permite adentrar o pensamento alheio, incorporando-o ao nosso próprio pensamento.

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS RELIGIOSAS

Ir. Maria Carmilita de Freitas, FI
Ir. Laura Maria Mousinho, NDS

Em 1977 a CRB Nacional fez um primeiro levantamento sobre a situação da Religiosa profissionalizada no país. Foram elaborados e enviados dois questionários: — um dirigido às Superioras Maiores, num total de 492; e outro às religiosas que estão vivendo o processo. Obteve-se a resposta de 53 Superioras Maiores e de 691 Irmãs.

Os resultados obtidos serviram como sondagem piloto para levantar hipóteses que vão permitir agora um estudo de caráter mais científico do tema. Neste estudo de caráter mais científico, partir-se-á de uma base estatística que possibilite um aprofundamento dos próprios dados recolhidos.

Desta maneira, espera-se chegar a conclusões mais objetivas, ou seja, menos influenciadas por posições um tanto emocionais, tomadas "a priori", com relação às profissionalizadas, e ao processo mesmo da profissionalização.

É preciso lembrar que a conceituação de "Religiosa profissionalizada" não está ainda suficientemente clara, nem é unívoca. Nisto radica uma das dificuldades deste levantamento. O critério seguido foi o da profissão exercida com vínculo empregatício, critério válido mas que não exaure o conteúdo desta conceituação.

Damos em continuação uma síntese dos dados levantados por esta pesquisa piloto. Para a sua adequada compreensão, torna-se necessário ter presente o objetivo da mesma: identificar o fenômeno e suas características principais, visando a um posterior aprofundamento crítico do mesmo, do ponto de vista teológico e pastoral. Deverão ser lançadas ainda novas pesquisas para a consecução das metas propostas pela equipe.

1. O fenômeno da Profissionalização da Religiosa

1.1. Origem do processo no tempo. Os dados recolhidos permitem situar o início do processo, a partir dos anos 60. Algumas Congregações, no entanto, se antecipam e contam com Reli-

giosas profissionalizadas nos anos 40 e 50. Um número reduzido de Congregações conheceram sempre o fenômeno: São Institutos que surgiram recentemente e que, desde as suas origens, adotaram esta linha. Os pontos de referência mais citados, são o Vaticano II e os Capítulos Gerais especiais.

1.2. Evolução do processo. Na maioria dos Institutos o fenômeno evolui numa linha ascendente: cresce o número de irmãs profissionalizadas; em outros, este número permanece estacionário e decresce em muito poucos.

1.3. Proporções do fenômeno. Não foi possível deduzir das respostas aos questionários as proporções exatas que o fenômeno alcança hoje entre nós, dada uma certa imprecisão numérica das mesmas. Nos Institutos que mencionam a porcentagem de religiosas profissionalizadas em relação com o número total de irmãs na província, esta porcentagem, em geral, oscila entre 10% e 50%, sendo muito poucos os que se situam acima do 50% ou abaixo do 10%.

2. A vivência da profissionalização

2.1. Motivação para o trabalho profissional. A grande maioria das irmãs profissionalizadas afirma ter optado conscientemente por este caminho. A motivação mais citada por elas é o desejo de uma inserção mais direta na vida do povo, especialmente das mais necessitadas, e no mundo do trabalho. Aparece também como motivação a necessidade de ter um meio de subsistência. Isto se dá, sobretudo, quando as irmãs vivem em pequenas comunidades e dedicam parte do seu tempo aos trabalhos pastorais não remunerados. Há ainda o caso de irmãs que buscam a profissionalização em substituição ao trabalho dos colégios ou de outras obras que deixam de existir.

2.3. Dimensão missionária do trabalho balho onde se concentra o maior número das religiosas profissionalizadas é a Educação: — magistério de 1º e 2º graus; seguem as áreas da saúde e assistência social.

2.3. Dimensão missionária do trabalho profissional. As irmãs são quase unânimes em afirmar um sentido missionário no desempenho do seu trabalho profissional. Esta afirmação vem apoiada em argumentos como estes: "sentido evangelizador das tarefas assumidas"; "ocasião de tornar a Igreja viva, presente nos mais variados ambientes". Outras falam do "testemunho, pela doação, sensibilidade às situações mais carentes e sofredoras". Quase todas vêem a sua inserção na realidade do trabalho como meio de afirmar valores cristãos tais como a verdade, a justiça, o amor, o diálogo, a amizade e portanto um sentido missionário.

2.4. Valores da experiência. As religiosas que estão vivendo o processo, valorizam notavelmente a sua experiência. Os valores mais destacados por elas são: — vivência nova do compromisso de pobreza; — abertura de horizontes para a fraternidade; — participação mais direta na vida do povo e solidariedade; — oração mais profunda e comprometida; — desenvolvimento da consciência crítica; — maior sensibilidade à justiça e direitos humanos; — sua obediência consciente e responsá-

vel. Em sua quase totalidade as irmãs afirmam que houve para elas um crescimento pessoal a partir da profissionalização, e que o seu ritmo de vida religiosa experimentou uma mudança de índole positiva. Muitas delas pensam que sua presença consegue transformar o meio em que trabalham; outras, não ousam expressar-se de maneira categórica sobre este ponto e afirmam: "esta transformação é um processo lento, não mensurável; "não sei se minha presença transforma; sei que questiona e faz refletir."

2.5. Relação entre profissionalização e pequenas comunidades. É ainda considerável o número de religiosas profissionalizadas que continuam a residir em comunidades de tipo tradicional. Os grupos comunitários constituídos em sua totalidade por irmãs profissionalizadas são poucos. Algumas respostas fazem constar que o fenômeno das pequenas comunidades é paralelo ao da profissionalização e que esta não constitui a causa única do mesmo. Por outro lado, muitas afirmam que a vivência de profissionalização cria um estilo novo de comunidade religiosa.

2.6. Possíveis conflitos. A maioria das profissionalizadas não encontra na sua vida profissional nenhum ponto seriamente conflitante com a sua visão de vida religiosa. Seria interessante indagar o porquê deste fato. Algumas fazem notar como possíveis pontos de conflito as exigências comunitárias da pobreza consagrada; o relacionamento da profissionalizada com suas irmãs de comunidade, especialmente quando estas não estão vivendo o processo; o ritmo da vida profissional em relação com as exigências da convivência, da fraternidade e da oração. O capítulo mais sério apontado ainda que em poucos questionários, é o relativo aos problemas da inserção no mundo do trabalho com todas as suas conseqüências, e especialmente as suas incidências no campo da justiça e dos direitos humanos.

Os dados coligidos através desta pesquisa e brevemente sintetizados aqui, levantam algumas interrogações e abrem pistas de reflexão:

◆ Que incidências está tendo o processo da profissionalização na atual evolução da Vida Religiosa?

◆ Que motivações de fundo estão determinando a evolução deste processo?

◆ Que relações vão se estabelecendo entre vida profissional e vida apostólica?

◆ Até que ponto a V.R. vai se resituando diante do trabalho, do dinheiro e do poder, a partir da vivência da profissionalização?

Dois pensamentos

● A pior de todas as oposições: a que atua surdamente, contestando não pela palavra, mas pela omissão. ● A escolha dos caminhos dá a medida do peregrino.

PUEBLA
E UMA NOVA IMAGEM
DA VIRTUDE

O realismo que encara o mundo e a sociedade como são, encontra seu complemento necessário no idealismo, na forma da utopia que descobre, cria e aproveita as possibilidades verdadeiras para evoluir e progredir. A atração da imagem de um novo céu e de uma nova terra impulsiona a sair do lugar, ir em frente e lutar.

Frei Bernardino Leers. OFM
Belo Horizonte, MG

Em círculos bastante limitados do povo católico da América Latina, o ante-projeto de Puebla tem provocado uma onda de críticas, adesões, defesas e novas propostas de redação. De qualquer maneira sairá um novo documento eclesiástico que exprimirá com maior ou menor fidelidade as idéias pastorais e as diretivas de ação evangelizadora dos representantes dos bispos da América Latina. Chegou a hora de pensar nas pessoas, nos religiosos neste caso, que realizarão a verdadeira história do documento. Quais serão as qualidades, as virtudes destes agentes de pastoral que tornarão verdade as palavras escritas?

A relatividade de "Puebla"

Como em tantos outros documentos da Igreja, também o texto de Puebla reproduz inúmeras vezes a própria palavra "Igreja". Na iconografia medieval, a Igreja era apresentada pela imagem duma mulher de cabelos e roupas longos, de carne e ossos. Na realidade a Igreja não tem cabeça, nem rosto, nem coração, nem vontade, nem fala, nem toma posição, nem decide, nem age ou atua, como se fosse um indivíduo, porque ela é um aglomerado de pessoas, Papa, bispos, padres, religiosos e religiosas, fiéis, cada um em seu lugar com seus carismas e tare-

fas responsáveis. Como São Paulo sugere pelo simbolismo do corpo, depende da vivência da fé, da firmeza da esperança, da prática da caridade, da personalidade cristã de cada um, o que o conjunto eclesial significa de fato na sociedade e no mundo atuais. O testemunho da Igreja, seu posicionamento, sua ação eficiente de libertação são o produto comum da práxis dos cristãos, de cada um dos cristãos. Afinal de contas, as decisões e ações estão no plano individual; irradiam-se pelo mundo a evangelizar, partindo das pessoas que tomam as decisões e produzem as ações. Sem elas, Puebla ficará uma letra morta, apenas mais um livro.

O problema não é formular uma doutrina, velha ou nova, ou apropriar-se duma linguagem que o povo de Deus começa a reproduzir, como se fosse fita de gravador, mas é assumir a palavra e pô-la em prática. É a práxis que muda a face da terra. A documentação da Igreja é bastante rica em chavões, Deus, Espírito Santo, Igreja, comunidade de base, sacramento, discernir os sinais, o Evangelho, que qualquer cristão que freqüenta um pouco a igreja aprende a manipular. O perigo da reprodução destas palavras comuns é que a criança não percebe que está se vestindo da roupa de gente grande.

Na esfera da fé, tudo quanto há de palavra e fórmula implica a tensão entre a palavra falada e a realidade intencionada, que supera qualquer palavra. Esta distância entre a linguagem trocada e a realidade dinâmica do mistério de Cristo no mundo diminui na medida em que os cristãos crescem em fé e em obras e continuam correndo em direção ao alvo. A veste nupcial, simbolizada no batismo, é grande demais para o cristão; doutro lado, pela virtude de Cristo, é convite permanente para ele crescer, sem jamais chegar a caber bem dentro da rompagem lingüística com que os cristãos se vestem, desde os teólogos até as assim chamadas almas simples.

No nível da ação moral, acontece algo analógico. Princípios como "não matarás", "ama e faze o que quiseres", ou mais popularmente "fé em Deus e pé na tábua", são grandes demais para caber facilmente dentre o espaço limitado das situações humanas concretas de cada pessoa. Uma chave inglesa não serve para tirar o carrapato no pé. Justiça, direitos humanos, igualdade, amor fraterno são instrumentos de ação, que não são as próprias ações que os homens realizam em sua história por este mundo. Também aqui há uma distância a vencer; há uma necessidade de traduzir as orientações globais da vida cristã em projetos mais precisos, e estes por sua vez em atos certos que, construídos por pessoas humanas, constróem estas pessoas e fazem crescê-las em humanidade, construindo a sociedade de hoje, em colaboração com os outros.

Chavões da doutrina social, segurança de emprego, salário justo, proteção contra acidentes de trabalho, distribuição equitativa de renda, assistência médica, habitação decente, liberdade dos sindicatos, equilí-

brio entre a classe operária e a classe empresarial, participação democrática ou reforma agrária em benefício dos camponeses não são simples deduções do amor fraterno ou duma justiça idealizada. Na sua realização, entram outras formas de saber e outras habilidades humanas, porque entram pessoas reais, com suas virtudes e limitações, que são mais do que uma fórmula da fé ou uma definição da justiça. Só as pessoas concretas que conhecem a situação, fazem planos, decidem, agem e praticam, são capazes de tornar o vocabulário usado uma realidade histórica. Doutrina moral é apenas um instrumento de trabalho. Moral é práxis; é ser, agir, fazer.

O religioso e suas virtudes

Esta concentração na pessoa humana, cristão, religioso ou religiosa, agente e realizador, leva à reflexão, além das declarações de princípios e linhas de ação, impressas em papel, para as qualidades que este homem tem de desenvolver em sua própria vida e pela graça de Cristo, para assumir a mediação deste instrumentário verbal e torná-la verdade real. Dentro dos limites do possível, Puebla fornece uma série de categorias de percepção que ajudam a analisar e reconhecer a situação local em que cada um vive e age; desdobra a fé viva numa visão teológica mais ampla, que fundamenta e estimula melhor a ação; formula diretivas de evangelização para o contexto latino-americano. É o mapa que o romeiro consulta antes de começar a viagem e pôr pé na estrada da vida.

Na única página, dedicada no ante-projeto aos religiosos, volta duas vezes à tese de que os religiosos são mais evangelizadores pelo seu próprio ser do que pelo fazer coisas. Esta regra preferencial que inclui tanto o ser da pessoa quanto seu fazer, focaliza o religioso em seu papel vital de testemunha de Cristo, que revela a face de Cristo ao mundo em que vive, manifestando esta face pelas suas obras ou frutos, no sentido evangélico. Que tipo de religioso está projetado aqui, como realização de vida nova? Quais são seus traços dinâmicos marcantes e suas aptidões mais pronunciadas, para transmitir a mensagem evangélica?

Confiando na graça de Cristo e na força do Espírito e, por isso, antes de tudo, grato, o religioso se forma para a maturidade responsável e forma suas aptidões pela própria prática de sua vida. Estas aptidões que são as atitudes estáveis na mudança contínua das situações tinham antigamente o nome de virtudes, um nome bastante desvirtuado e gasto na linguagem atual. Facilmente é ligado a beatices, disciplinas ascéticas antiquadas, farisaísmo, vida fora do mundo dos homens normais, desmancha-prazeres, egocentrismo, auto-satisfação, e é caricaturizado por uma velha beata, seca, severa, de cara fechada e com roupa do pescoço até as pontas dos pés. As virtudes estão cercadas de preconceitos e sua cotação não é das mais altas na bolsa da vida.

No entanto, o evangelho está cheio de virtudes como frutos do Espírito Santo e tarefas da gratidão

cristã. Na tradição judaico-cristã há catálogos inteiros de virtudes que, como programa de vida, ultrapassam os limites de determinadas época e cultura. Seria pena, como o povo diz, jogar a criança fora com a água do banho. A arte será repensar estas atitudes firmes do cristão, do religioso, recriá-las e elaborá-las em formas adequadas aos tempos e às condições existenciais da atualidade latino-americana. Este trabalho não supõe apenas uma refontização na Bíblia para descobrir a significação original das palavras, mas também uma lubrificação e remodelação das atitudes que a práxis católica histórica delegou às gerações presentes. A antiga imagem da "coroa das virtudes" sugere o trabalho paciente de limpar as pedras preciosas e colocá-las numa guarnição moderna. Esta reflexão talvez possa ser um começo com uns exemplos e umas sugestões.

A virtude da crítica

Embora seja uma prática das mais comuns, a crítica não costuma ter boa cotação entre o povo, porque está ligada às categorias negativas de condenar, repelir, torpedear, refutar, negar, rejeitar, como se ela se restringisse a ser apenas um ataque à segurança pessoal e uma perturbação da satisfação própria. Letrados conjugam a palavra quase espontaneamente com o adjetivo "literária" e focalizam mais os produtos escritos do homem do que o próprio homem, suas experiências de vida, sua sensibilidade, sua situação na sociedade histórica, sua visão das coisas do mundo humano. A aprovação eclesiástica também é problema, porque a esfera em que a maioria dos católicos foi socializada é a da submissão, obediência e aceitação passiva da palavra da autoridade. Nos círculos do poder, a crítica é tolerada às vezes, contanto que seja "construtiva", quer dizer, em conformidade com o esquema dominante de ver, pensar e decidir, puxando o trem para frente, sem olhar a direção que está tomando.

Entretanto, com o material excelente do tratado clássico da prudência nas costas, não custa muito descobrir a virtuosidade da crítica. O esquema de ação, representado pelo tripé: ver, julgar, agir, que liga a JOC de Mons. Cardijn a João XXIII e a Medellín e continua em vigor no documento de Puebla, mostra a significação e a força desta virtude prática. O movimento circular da crítica em que a análise da situação, a reflexão sobre valores humanos e ideais cristãos a serem realizados e a reforma da práxis pela ação responsável se revezam constantemente, não tem mais a simplicidade relativa com que Aristóteles e Santo Tomás explicaram a prudência para suas épocas e seu público. Os produtos inteletuais de qualquer autor são condicionados pelo ambiente histórico em que vive e as condições sociais em que foi criado e faz sua experiência da vida. Os tempos mudaram e o jogo dos interesses e forças na sociedade se tem complicado muito e, mais do que nunca, está escondido. Parece uma árvore cuja copa cresce por cima da terra, visível para todos, mas por baixo estende a rede de suas raízes que ninguém enxerga.

Virtudes humanas não são abstrações que dispensam as coordenadas

do tempo e do espaço. Como seus portadores e agentes, as pessoas humanas, também a crítica existe e se realiza em situações concretas que variam e se transformam como as próprias pessoas em caminho por este mundo. Numa sociedade que se desenvolve tranquilamente e em que uma ordem bastante estável de pessoas, grupos e coisas predomina, a prudência é diferente daquela exigida por épocas de crises complicadas e mudanças rápidas e profundas. A virtude não é uma voltagem fixa, conduzida por um sistema instalado de fios, mas é, cada vez, uma procura de equilíbrio novo na correnteza transformadora da existência humana, em sua sociedade e em seu mundo presentes. Desde que o Vaticano II assumiu o modelo da mudança em ritmo acelerado, também a crítica prudente tem de enfrentar obstáculos novos e encontrar formas novas de seu exercício ou prática.

Na complexidade intrincada do mundo moderno, um primeiro obstáculo à crítica justa está localizado na própria capacidade de ver, que as pessoas-agentes desenvolvem. Enxergar a realidade em que se vive e os mecanismos da sociedade de que se participa não é simples questão de abrir os olhos, ler jornais, conversar na esquina ou ver o noticiário da televisão. Um pouco de experiência mais refletida da vida demonstra, que nem todo mundo interpreta o mundo todo da mesma maneira. Uma favela é diferente para o morador, para o administrador público, para o chefe duma companhia imobiliária, para o assistente social da paróquia e para a senhora da sociedade com medo de ladrões e dois cachorros bravos em casa. Cada um percebe a realidade conforme seu esquema mental, seus óculos de posição social, formação e experiência sempre limitada; seleciona e estrutura seu campo de percepção; interpreta o mundo percebido de seu jeito; formula suas opiniões e forma suas atitudes em resposta ao seu modo de ver as coisas, os homens, o mundo. Quando Pio XII criticou a maneira de ver o mundo pela janela da sacristia, referiu-se a um risco que é inerente a qualquer crítica e afeta, de modo especial, aqueles que não seguem o caminho comum da vida humana e cristã, como são os religiosos e religiosas.

A linguagem que manipula palavras "grossas", a verdade, a unidade, o amor fraterno, a igualdade, a comunidade, facilmente omite ou encobre a complexidade diferenciada e conflituante das opiniões, interpretações e atitudes que as diversas pessoas, grupos e classes sociais possuem e tomam para com a sociedade comum de que fazem parte e para com o mundo em que vivem e se encontram com maior ou menor freqüência e intensidade. Falar da unidade sem constatar as diferenças de posições e interesses que há, ou falar de paz e ordem sem enxergar os conflitos e discriminações brutais ou talvez latentes da realidade presente são falsificações ideológicas que escondem os verdadeiros males como carne pobre em baixo duma camada espessa de molho gostoso. A invocação do pluralismo aqui não tranqüiliza, porque a sociedade de hoje não é uma convivência pacífica de viver e deixar

viver em liberdade, mas uma colisão coletiva entre grupos de poder e força e grupos que ficam na margem, sem participação e sem voz ativa no capítulo social.

A crítica que pretende analisar a realidade necessita dum modelo de conflito, que assume as colisões de interesses e as lutas abertas e mudas que marcam a existência humana no mundo, desde a queda de Adão e Eva. Tanto na vida pessoal, quanto na vida social, o estímulo de satanás se manifesta ao lado da graça, e os defeitos e pecados sociais se misturam com os frutos do Espírito Santo e as virtudes dos homens. Na parábola do bom samaritano, o sacerdote e o levita ao menos viram o homem morrendo ao lado da estrada. Pior é não "querer" ver a realidade com suas forças do bem e do mal, não arriscar sua tranqüilidade instalada e limitar sua visão do mundo a ser evangelizado ao próprio quintal da paz. Paradoxalmente, a paz é bandeira de luta nas reais condições deste mundo e as forças antagônicas não estão simplesmente nos ares.

O exercício virtuoso da crítica inclui a capacidade de tomar distância para com o próprio sistema global em que cada um foi educado e aprendeu a viver. O processo da socialização pessoal, pelo qual o indivíduo passa desde sua entrada neste mundo, funciona como uma grande máquina programada, de escola, de sistema econômico de produção e consumo, de família, de classe social, de constelação cultural, de sistema político social, de sistema religioso, em que a pesssoa tem de adaptar-se para ser um bom filho, um bom aluno, um bom cidadão, um bom trabalhador, um bom pai de família, um bom fiel. Nesta estrutura que cerca e engloba as pessoas de todos os lados, a possibilidade de tornar-se um sujeito enquadrado, submisso e bem comportado é bem maior do que a esperança de criar homens maduros, críticos e criativos, que têm a coragem de contestar a ordem estabelecida e remar contra a correnteza. Ao homem moderno é mais fácil dizer: "ordem é ordem", "todo mundo faz assim", eventualmente "deixa para lá", do que sair de seu esquema de vida acomodada e afirmar: "não é justo obedecer mais aos homens do que a Deus" (At 4,19; 5,29). O homem nasce "gente", mas seu senso crítico se forma a duras penas; auto-crítica é mais custosa ainda.

Uma virtude da crítica que coloca a própria pessoa do crítico fora do movimento, numa torre de marfim, intocável, deixa de ser virtude. No processo da crítica, é necessário que o crítico descubra seu lugar no mundo, analise sua situação, interrogue suas posições tomadas, reflita sobre as heranças que tem recebido, questione as normas que aceita e aplica aos outros, e examine honestamente sua maneira de participar da formação atual da sociedade. Olhar e perceber os outros leva espontaneamente a certas formas de julgamento, mesmo se essas não são bem conscientes ou talvez nem se deixem formular em termos racionais. Bem mais difícil é descobrir no espelho da auto-crítica sua própria

imagem com suas virtudes e luzes — o que ainda se faz, porque agrada —, e seus defeitos, erros, limitações e sombras. Sem esta autoanálise penosa, a crítica se desvirtua facilmente para a figura do rei que fala a todo mundo e fala de todo mundo, mas não percebe que seu trono está carunchado e seu manto real não esconde sua nudez. Mais ainda, faz pensar no antigo ditado: médico, cura-te a ti mesmo.

Na amplitude do povo de Deus, o curso da auto-crítica ganha uma nova faceta. Cada membro da Igreja tem uma série de posições e atitudes quase naturais, porque são mais produtos do ambiente de vida e da educação no sistema global, do que opções críticas da liberdade madura da pessoa. Encarnada como a pessoa está neste mundo com sua história, há uma interferência constante nela entre os papéis e funções do homem político, do homem social, do homem econômico, do homem religioso. Tanto na vida pessoal, quanto na vida comunitária e eclesial, as várias dimensões da existência se misturam, cruzam e condicionam mutuamente. Num país em que o discurso tradicionalmente começa com "autoridades civis, militares, eclesiásticas" — a ordem varia conforme as circunstâncias —, a análise crítica da realidade econômica ou política não pode ser separada da crítica da religião e das formas em que o catolicismo chegou a exprimir-se historicamente na vida prática.

Criticar a exploração econômica ou um sistema político ditatorial e não colocar o machado da crítica às raízes religiosas é contestar os outros, sem perceber a própria participação no processo histórico e na manutenção do "status-quo". O protesto contra as discriminações, os abusos do poder, as violações dos direitos humanos, soa falso, se a limpeza não começa na própria casa da Igreja. A crítica não suporta duas medidas, uma para uso externo, outra para uso interno, embora seja mais cômodo ver o cisco no olho do outro do que enxergar e remover a trave que atrapalha a própria vista (Mt 7,3-5). Religião, ópio do povo, não deixa em paz nem a vida eclesiástica, nem a vida dos religiosos.

A virtude do amor-comunicação aberta

Sobre o amor, o amor a Deus, o amor à Igreja, o amor que faz os outros meus próximos, o amor ao povo, aos pobres, há uma literatura imensa; a práxis tem mil faces e mil variações. Amor é comunicação e abertura entre pessoas que se amam e formam comunidade. Comunidade significa comunicar-se um ao outro de tal modo que o papel de falar e o papel de ouvir constantemente se trocam entre os participantes. Todos oferecem e todos recebem, porque são concidadãos da casa de Deus e trabalhadores na construção comum da Igreja neste mundo, pedras vivas e construtores no mesmo movimento (Ef 2,19-22). Os problemas que a aprendizagem da virtude da crítica coloca encontram aqui uma perspectiva que promete encaminhá-los. Crítica distingue entre o bem e o mal numa sociedade de que o crítico intimamente participa, co-

mo pessoa corresponsável. Entretanto, não perder-se no isolamento e na unilateralidade, ela precisa ser construída sobre uma base das mais amplas possível. Esta precaução natural recebe um tom todo especial na comunidade do povo de Deus.

Em termos de história da Igreja, a palavra "opinião pública" é de uso muito recente. Na produção de documentos oficiais, ela talvez não tenha ainda muita influência. Em certos círculos eclesiásticos, as pesquisas sociológicas ou consultas populares, que dão um conteúdo mais preciso e concreto ao que podia ser a opinião ou as opiniões que vivem entre os fiéis, não costumam ser bem aceitas e facilmente são suspeitas de sociologismo ou consideradas superficiais. No entanto, nenhum produto intelectual, seja ele escrito sob a invocação do Espírito Santo ou na base das ciências empíricas, alcança seu sentido, se não tem repercussão formativa e reformadora no comportamento e convívio do povo de Deus, de que os líderes surgem e ao qual se dirigem pela palavra e pelo exemplo. Liderança não funciona no vácuo. Porque aqueles que têm de realizar o projeto de Puebla ou outros projetos não podem colaborar na formação deles? Um filho adotivo costuma dar mais problema do que o filho próprio. A idéia de que a Igreja nasce do povo costuma criar bastante resistência; ao menos podia ser um convite para "explorar" mais sistematicamente o que vive entre os fiéis, como eles agem e reagem com sua fé e sua consciência moral neste mundo.

No tempo presente aumentam as reclamações, especialmente da parte dos leigos, para consultas mais amplas das bases, enquanto essas produzem experiências válidas de vida e de ação e traduzem ou hão de traduzir as fórmulas teóricas e diretivas de papel para a práxis cristã renovada. A circulação mais livre de idéias e sugestões entre povo e liderança é um passo para a frente na vitalidade interna da Igreja. Este modelo de unidade vital, porém, precisa ser completado, na atualidade, por um outro modelo de trabalho, que assume a diferença, talvez a polarização, que não passa entre o clero e o povo, mas separa as pessoas e grupos que assimilam com maior facilidade o novo espírito da Igreja, e aqueles que com mais firmeza defendem os costumes e visões tradicionais dos últimos séculos. Se amor fraterno é ouvir os irmãos, não basta escutar o que agrada e confirma; convém escutar também os dissidentes que têm opiniões e atitudes diferentes, mesmo se eles incomodam e perturbam as aparências da paz.

Neste contexto falar de vanguarda e tradicionalistas ou dos progressistas e conservadores que há entre o clero e o povo; entre religiosos e religiosas, é precário, porque são termos carregados de emoções e apreciações nem sempre lisongeiras. Além disso, são rótulos genéricos que não correspondem bem à grande variação de posições, tomadas por cristãos nos grandes problemas e discussões da Igreja e do mundo, hoje. Uma maior participação do público eclesiástico na formação das atitudes implica na

garantia da liberdade de falar às várias correntes que vivem entre o povo de Deus. A unidade da Igreja está mal servida, se não é mais do que uma capa que abafa certas vozes e encobre os conflitos reais e as oposições existentes, cada uma com suas razões e seus grupos de admiradores. Neste jogo de pressões e defesas entre os vários "partidos", a acusação de manobras e manipulações costuma ser mútua. Diante de tal situação, o povo tem sua própria sabedoria e diz: quem mora em casa de vidro, não deve jogar pedra nos outros; e dá seu jeito para sobreviver, com ou contra a autoridade.

A opinião pública na Igreja encontra um grande obstáculo no fenômeno social da "massa silenciosa". Por definição, esta massa e suas tomadas de posição, se as há, são difíceis de averiguar e controlar. Uma primeira pergunta a fazer aqui é: até qual ponto a própria estrutura histórica vertical da Igreja tem condicionado este silêncio do povo? Tanto pela sua formação cultural, quanto pelo seu modo de exercer seu poder sobre o povo "ignorante", o próprio clero predominou numa boa parte da história eclesiástica. Que os leigos só podem ficar de mãos postas, escutar o padre falar, dizer amém e abrir a bolsa para dar esmola na igreja, agora já é uma piada de barba longa; mas pouco antes do Concílio Vaticano II refletiu a realidade de muitas Igrejas particulares. Desde então, uns bons passos foram dados, em certos lugares, para abrir o velho sistema de relacionamento entre clero e fiéis, autoridades e súditos, e criar novas formas de participação, embora a palavra "democracia" continue tabu nos círculos eclesiásticos. Mas as atitudes, formadas pela seqüência das gerações, têm sua própria lei de perseverança e não mudam de rumo com facilidade, especialmente se o silêncio do povo diante das autoridades é mais tática de medo, misturado com jeitismo e esperteza, do que propriamente ausência de vida e criatividade humana.

Aqui entra a segunda pergunta: o silêncio tradicional da massa é apenas silêncio, vácuo ou morte? A abundância de formas, rituais, festas, novenas, devoções, irmandades, romarias, costumes religiosos do catolicismo popular mostra que, talvez à revelia do poder clerical, o povo católico apresenta, no contexto brasileiro, uma vitalidade produtiva bem grande. Embora sua conduta moral tenha sido influenciada e inspirada pela catequese dos padres, de fato desenvolve estruturas próprias de observância, de escapismo, de dar um jeito diante das expressas proibições da autoridade eclesiástica. A vida do povo, batizado na Igreja e que faz questão de se chamar católico, tem suas próprias características e, de qualquer maneira, demonstra a força e a teimosia de sobreviver, apesar de todos os pesares, e agüentar a mão até agora. A tal "massa silenciosa" nunca tem impedido, que o povo se arrume na vida, sob a capa da submissão diante dos poderes existentes, mas dando jeito, onde a cerca das imposições apertava e aperta demais. Este silêncio não é um vácuo, mas está carregado de muitas opiniões e ati-

tudes práticas do povo diante das exigências da vida de cada dia neste mundo. A diversidade é grande nas posições do povo, porque este povo mesmo não é uma massa uniforme e está marcado profundamente pela estratificação sócio-econômica. Todavia, seus modos de pensar e agir formam material abundante para "encher" o silêncio da massa com experiências e apreciações da vida.

O ponto nevrálgico na reforma das relações entre a liderança e o público na Igreja é a confiança da autoridade nas capacidades experimentadas do povo. Enquanto "os caríssimos fiéis" continuarem a receber a etiqueta da ignorância e o clero permanecer na posição de elite sociológica, o muro do silêncio não desmoronará e não haverá fundamento adequado para falar duma opinião pública na Igreja, como lugar do amor fraterno. Os novos movimentos das comunidades eclesiais de base e do pentecostalismo católico talvez possam abrir aqui novos horizontes, como há experiências bem sucedidas de aproximação existencial do clero e dos religiosos para com o povo, tanto no ambiente urbano, quanto no campo. No entanto, uma comunidade eclesial só será realmente madura, se houver um público eclesiástico que tem opinião formada e fala e defende seus pontos de vista com a liberdade dos filhos de Deus.

Neste ponto vale ainda uma velha canção: "It is a long way...": há um longo caminho na frente. A revisão do autoritarismo, de um lado, e o crescimento do povo, formando uma voz própria e madura na Igreja, doutro lado, não são tarefas de um só dia ou produtos apenas de boa vontade; são frutos duma paciente ação política dentro da comunidade eclesial, enfrentando as barreiras da desconfiança e do poder estabelecido. Declarações de princípios são como declarações de amor: não constróem nada, se não são postas em prática e mudam os rumos históricos da vida. Essa é uma dificuldade inerente ao cristianismo: "nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas quem faz a vontade de meu Pai" (Mt 7,21). E o acento cai em "faz". A arte de escutar é difícil de aprender para quem está numa posição de mando; a arte de falar é difícil de aprender para quem não teve muita oportunidade até agora.

A paciência da força

Na tranqüilidade global da ordem e segurança, a virtude clássica da fortaleza não atrai muita atenção, porque sua prática é pouco exigida. Épocas de perseguição e marginalização, abertas e públicas, que a Igreja conhecia nos primeiros séculos e conhece até hoje em vários países, evocam a resistência firme dos cristãos até o heroísmo. Numa cristandade, porém, em que os poderes dominantes mais ou menos chegam a uma espécie de casamento de conveniência, poucos convites há para refletir sobre esta virtude, porque as forças se equilibram, se protegem e se legitimam mutuamente. Os males, os sofrimentos e as humilhações que afligem o homem comum, são sublimados pelo exemplo de Cristo sofredor ou pela

má sorte e levam ao fatalismo passivo de quem aprendeu a resignar-se, submisso e calado, porque não há outro jeito. O lugar que Nosso Senhor dos Passos, Jesus Crucificado, Bom Jesus morto, Nossa Senhora das Dores ocupam no catolicismo popular é a expressão religiosa dum povo sofrido que procura produzir a paciência dos braços cruzados, porque raiva e agressividade são pecado.

Esta atitude de paciência, resignada e impotente, quase parada, deve ser completada numa época em que "cresce a persuasão de que o gênero humano não só pode, mas deve fortalecer cada dia mais seu domínio sobre as coisas criadas; além disso, que lhe compete estabelecer uma organização política, social e econômica que com o tempo sirva melhor ao homem e ajude cada um e cada grupo a afirmar e cultivar a própria dignidade" (GS 9). A nova consciência dinâmica de força e da responsabilidade para com o mundo a construir e diante da sociedade humana a formar não coaduna com o fatalismo passivo que, sob o peso do sofrimento e incapaz de defender-se, formou a sabedoria do povo que diz: "quem nasceu para tatu, tem de morrer cavando". A facilidade, relativamente cômoda, de interligar todas as faces da dor e da privação à vontade de Deus perde seu encantamento desolador na medida em que o homem se conscientiza da causalidade humana que se verifica nas muitas formas de escravidão, injustiça e exploração, e progride em capacidade de libertar-se, pela força-virtude de Deus, de suas muitas prisões neste mundo de pecadores mortais.

No homem há uma tensão constante entre o que ele é o que ele deve ser, entre realidade presente e o ideal a alcançar. A moral se baseia nesta tensão existencial, inerente ao ser humano e à sociedade humana. O realismo, que percebe e encara o mundo e a sociedade como são, encontra seu complemento necessário no idealismo, na força da utopia, que não sonha para recompensar-se com miragens, mas faz descobrir, criar e aproveitar as possibilidades verdadeiras de evoluir e progredir na humanização da vida social neste mundo. As imagens do lutador, de Ef 5, e do homem que corre no estádio, com a meta ante os olhos, de Fil 3, sugerem luta, combate sem trégua, esforço, sempre renovado, sacrifício de quem não aceita, paciente, a situação presente, mas quer superá-la e reformar o mundo que encontra e a constelação histórica da sociedade de que participa como corresponsável. A atração da imagem do novo céu e da nova terra, que o cristão tem na frente e já começou a viver, não permite uma paciência que não pode fazer mais nada, mas impulsiona o povo de Deus a sair do lugar que alcançou e agora ocupa, para, lutando, melhorar a sociedade humana em caminho para o encontro com o Senhor Jesus.

O pior obstáculo a esta dinâmica paciente, que não se perde na passividade da espera do milagre que vem de cima, não costuma ser o vem de cima, não costuma ser a descoberta dos males e pecados da

existência humana, pessoal e social, mas a relatividade do bom que é o inimigo do melhor, a saturação burguesa que se satisfaz com as migalhas transitórias da mesa da vida. Numa sociedade de consumo, em que os religiosos se apropriam dum certo bem-estar material e de certo status social coletivo, apesar de seu voto de pobreza e desapropriação progressiva, a alegria da posse e a tranqüilidade do sucesso podem funcionar como um narcótico que faz esquecer o que está ainda na frente. É a ilusão da criança que, absorvida pelo novo brinquedo que Papai Noel trouxe, se desliga do resto do mundo humano em que vive e das obrigações do amor fraterno que este mundo, com suas virtudes e com seus males e pecados, lhe impõe. Se o perigo e o pecado são capazes de alertar o homem e provocar nele a vontade de lutar, a aparência da paz e do bem-estar próprio podem aleijar as energias e restringir os horizontes do idealismo evangélico. Se além disso o medo, tão natural também entre cristãos, entra pelas represálias dos poderes instalados, a paciência se torna um processo de acovardamento, totalmente alheio às atitudes que Cristo tomou diante dos poderes de seu tempo.

Entre a realidade que já está presente e a possibilidade que mobiliza os esforços para alcançar o melhor, o fator tempo tem papel importante. Dar tempo ao tempo, é uma velha sabedoria popular. Fazer tudo de uma só vez não pertence à capacidade humana. Na história da preparação da vinda do Senhor Jesus, tudo tem sua hora. A paciência cristã é a tensão permanente do homem peregrino que sabe onde está e continua caminhando, passo a passo, para a frente, perseverando na direção que, pela luz do Espírito, reconhece como sua, apesar de todos os obstáculos a vencer. Saber esperar, preparando o terreno, removendo pedra por pedra as barreiras que se apresentam, para entrar em ação na hora exata, já por si é ação. A imagem da paciência não é a do homem que, de braços cruzados, sem fazer nada, espera de fora um milagreiro, mas a dum gato que, contraindo todos os músculos, prepara o salto para o momento oportuno. É a paciência de quem é esperto como uma cobra. Pela força concentrada, a paciência escala a montanha, enfrenta as dificuldades, continua subindo, porque ainda não alcançou o cume que lhe dará o repouso merecido. A paciência está entre a esperança de chegar e o esforço de progredir até o ponto da chegada. Sua força é a força duma raiz que, engrossando cada vez mais, é capaz de rachar uma parede de cimento armado. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, diz o povo com sua experiência de vida.

A virtude da crítica encontra neste tipo de paciência perseverante sua companheira de viagem. Na luta libertadora contra as mil formas em que o pecado está encarnado no mundo atual, não basta colocar-se ao lado dos pobres, dos operários, dos trabalhadores rurais, os "underdogs", os injustiçados da sociedade de hoje; entra a teimosia que não se rende, combatendo as injustiças, "tendo a verdade por cinto, a justi-

ça por couraça, o zelo em propagar o evangelho da paz como calçado" (Ef 6,14s). À luz da fé fiducial no poder de Deus que fortalece os cristãos, não é a realidade que limita o possível que pode ser, mas é o poder que ultrapassa os limites da realidade existente. Se isso já vale na perspectiva técnica do domínio da natureza, tanto mais inspira aqueles que colocam sua esperança no fundamento já posto e que é o próprio Cristo Jesus.

Hino ao palhaço marginalizado

A alegria está ancorada firmemente na linguagem bíblica. Diante da ação libertadora de Javé, continuada em Jesus Cristo, os motivos não faltam. São João viu a Igreja assim: "Aleluia! Eis que reina o Senhor, nosso Deus, o Todo Poderoso! Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do Cordeiro. Sua esposa está preparada. Foi-lhe dado revestir-se de linho puríssimo e resplandescente. Este linho são as virtudes dos santos" (Apc 19,6-8). A última frase talvez seja uma nota explicativa de outro autor. Mas importante é a verdadeira alegria, virtude não tão bem desenvolvida naqueles que sistematicamente foram passados pela máquina duma disciplina ascética, marcada pelo ranço do jansenismo. Libertação cria alegria, porque livra o homem do medo, da força destrutiva do mal, do pecado, da morte. No catálogo das virtudes da carta aos Gálatas, a alegria segue imediatamente após a caridade, como fruto do Espírito Santo (Gál 5,22).

A alegria cristã tem sua face escondida como a lua. A vida dos religiosos está repleta, hoje em dia, de planejamentos, revisões, projetos de reforma, reuniões, formação permanente, papéis, documentos, Vaticano II, Medellín, Puebla. Tudo sério, tudo importante. Jesus disse: "O reino dos céus é como um homem que lança a semente à terra, e dorme e se levanta de noite e de dia, e a semente brota e cresce, sem ele o perceber, pois a terra por si produz..." (Mc 4,26s). A seriedade é boa, em seu lugar. Mas precisa deixar bem vivo, no coração do cristão, o palhaço que sabe rir, sorrir também de si mesmo, com bonomia sempre, às vezes com um pontinho de malícia. Quem relativiza as coisas e sabe rir de si mesmo, liberta-se a si mesmo e não se atola no que já tem feito em sua vida e de sua vida. A terra por si mesma produz, porque diz o povo: Deus não conhece nem dia nem noite.

Quatro pensamentos

Primeiro. Paz social não é o medo de dizer. É sim, a coragem de ser. **Segundo.** Não há perguntas imprudentes. Costuma haver, com freqüência, respostas incompetentes. **Terceiro.** Liberdade não é ausência de disciplina. É variedade indefinida de caminhos. É multiplicidade de formas. **Quarto.** "Procuramos gemendo. Caminhamos tropeçando", (Pascal).

CRISTIANISMO
E
SECULARIZAÇÃO

A Religião é como o vinho
que foi fechado numa garrafa.
A garrafa é a Igreja.
A garrafa quebrou-se e há vinho
em todo canto.
Há espírito religioso por tudo.
A. Touraine

Frei Clodovis M. Boff, OSM
Rio de Janeiro, RJ

Introdução

O tema em foco é complexo. Tentamos aqui apenas levantar alguns pontos capitais, conscientes de que as posições avançadas se apresentam como discutíveis (1). Estas reflexões se dividirão em duas partes: uma sociológica e outra teológico-pastoral.

I. ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

1. Idéia de secularização

É bom partir do fato concreto da secularização, reconhecê-lo e tentar analisá-lo.

Numa primeira aproximação, pode-se dizer de modo genérico que a secularização é o processo de emancipação cultural das diversas áreas da vida humana frente à tutela religiosa (eclesiástica). É a autonomização, a "proclamação de independência" das diferentes províncias da atividade humana com respeito à Religião institucional (não se fala ainda de Deus: isso é teologia).

2. O processo histórico da secularização

O princípio da secularização já se encontra na própria Bíblia, na medida em que esta concebe a Cria-

ção como relativamente autônoma e não divina e sobretudo ao homem como criador à imagem de seu Criador e responsável do mundo diante de Deus. É o que demonstrou o primeiro teólogo que fez da secularização seu tema central: G. Gogarten (1887-1967) (2).

Ora, uma coisa é ver o mundo como Criação (mundo referido a Deus), outra é ver o mundo como mundo. O primeiro movimento é ainda religioso, o segundo é filosófico. Podemos então dizer que o processo da secularização começou desde que se começou a usar da razão de modo autônomo, quando se passou do **mytos** ao **logos**, com o nascimento da "filosofia" (ocidental: Tales).

Com o surgimento da "ciência" (século XVI) e com a fragmentação da Cristandade medieval através do nascimento dos Estados Nacionais, esse processo começa a se impor no âmbito de **toda** a Sociedade.

No século XIX, a secularização da cultura (do pensamento, das mentalidades) já detém a **hegemonia** sobre a Religião (cristã).

No século XX, a secularização acompanha, como superestrutura, o processo da industrialização capitalista. Esse processo é hoje mundial. Ele é coextensivo à "civilização industrial", "técnico-científica". Isso vale também para todo o mundo, inclusive para a América Latina.

3. Alguns índices

1. Diminuição da freqüência dominical, incluindo as confissões, batismos, casamentos e outras práticas religiosas.

2. Declínio da oração em família e da decoração religiosa.

3. Baixa do status dos agentes religiosos, especialmente dos padres (que já não assumem mais os símbolos de seu status: batina, cruz, designações).

4. Crise das instituições católicas: universidades, colégios, hospitais, etc.

5. Corrosão dos "valores" cristãos pelo divórcio, limitação artificial da natalidade, aborto, relações extra ou pré-conjugais.

6. Liberdade frente à autoridade eclesiástica (críticas ao Papa, Bispos, Padres, etc.).

7. Ausência da Igreja nos grandes Meios de Comunicações Sociais e, por isso, ausência de programas religiosos.

8. No panorama da cultural atual, produções literárias e artísticas de caráter religioso e mais ainda cristão bastante reduzidas.

9. Educação religiosa nas instituições pedagógicas cada vez mais difícil e por isso em recuo; papel da Teologia no concerto da universidade pouco significativo.

10. Crise de identidade de padres e religiosos, com o conseqüente êxodo e "falta de vocações".

11. Direcionamento da atividade pastoral em função dos problemas da Justiça Social (antes que da justificação pessoal), etc.

4. Secularização progressiva

O processo de secularização é **progressivo**, galopante. Ele tende a invadir cada vez mais a vida social. Há aqui um aspecto de **evolução irreversível**. Condorcet (1794) afirmava que o progresso humano era indefinido e irreversível. O **modo** desse progresso evolutivo pode ser discutido. O fato não.

Em Conferência no Secretariado para os não-cristãos, em Roma, Rahner afirmou que o ateísmo, como forma de secularismo, era uma "fatalidade" histórico-filosófica que se difundiria de mais a mais largamente. Acrescentava, porém, que havia, em contrapartida, uma "fatalidade" oposta: **a de permanência do Evangelho e da Igreja**. Estas duas "fatalidades" constituiriam, de resto, os dois princípios que deveriam orientar a ação pastoral da Igreja num mundo secular (3).

5. A interpretação evolucionista e sua crítica

Temos que entender, entretanto, corretamente a evolução que evocamos. Pois a secularização não explica nada. É ela que tem de ser explicada. Quanto a isso, há, com efeito, dois modos de entender a secularização: seja no sentido da **substituição**; seja no sentido da **diferenciação** (4).

Como substituição (ou deslocamento), a secularização se entenderia como processo que substitui a religião por outra coisa, como, por exemplo, pela ciência. Este é o esquema do positivismo vulgar do século XIX, defendido sobretudo por Comte (5). Trata-se aí da passagem da religião para a secularização. Na medida em que essa avançaria, aquela perderia terreno. A linha da evolução se faria da **Religião** para a **Não-Religião** ou da **Religião** para a **secularização**.

O equívoco desta interpretação — comum aos grandes cientistas do século passado (Darwin, Comte, Marx, Freud) — se deve a seu teor positivista. Confunde-se aí a Religião com a institucionalização empírica.

Esta equação não vê que a Religião antes de ser uma coisa é uma experiência. Antes de ser filiação formal a uma instituição é uma relação vivida com uma realidade que se crê transcendente. Portanto, errônea, reduzida e redutora é a equação (positivista): **Religião = Igreja** (6). E mais errônea ainda é a equação: **Religião = Cristandade**.

A equação correta seria: **(Religião = (Experiência ➔ Instituição)**. É só esta equação que nos permite entender a secularização como mudança na Religião. Seria mudança na religião enquanto instituição cultural. A experiência seria o invariante constitutivo da Religião, seu elemento próprio e originário. Naturalmente, o modo cultural como esta experiência se objetiva (instituição) muda e pode mudar. Ora, é este elemento que nos permite entender a secularização. Esta assinala uma mudança no modo cultural de estruturar a experiência religiosa, que permanece possível em quaisquer condições.

A fórmula positivista se apresenta de modo extenso desta maneira: **(Religioso = Primitivo = irreal = falso) × (secular = moderno = real = verdadeiro)** (7). O otimismo ingênuo desta fórmula vale por uma refutação teórica. O fato é que os grandes positivistas do século XIX conseguiram, na teoria, eliminar a religião, tal como ela se oferecia em sua positividade histórica, isto é, no Cristianismo do tempo. Mas não puderam eliminar a função religiosa, o lugar religioso, o Religioso. Pois tiveram que colocar no lugar da religião instituída qualquer coisa que estava de fato dotada de todos os traços da Religião: a Ciência, a Revolução, a Racionalidade, a Sociedade, a Humanidade, etc. (8).

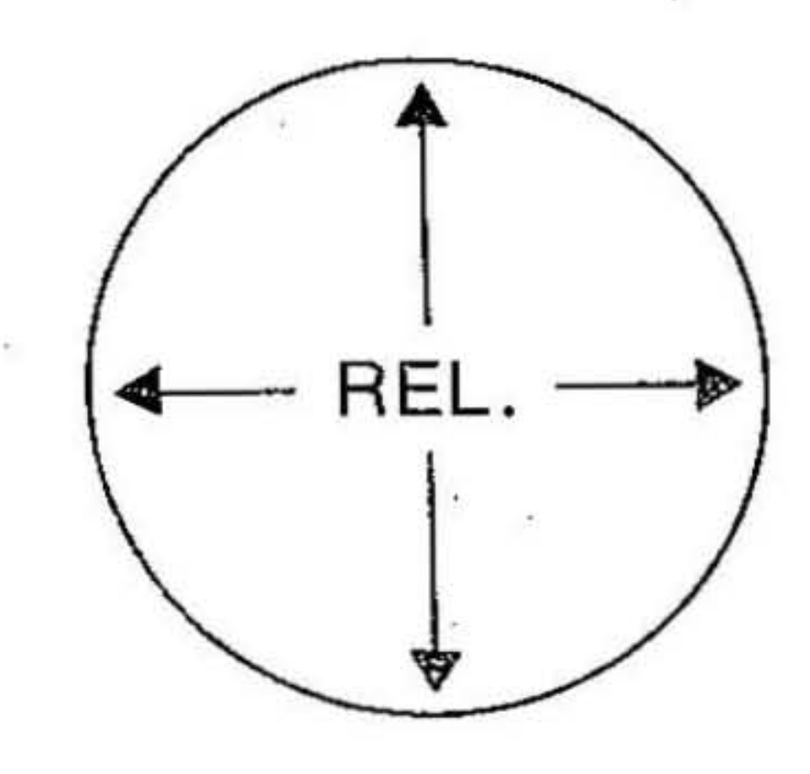
6. A interpretação funcionalista

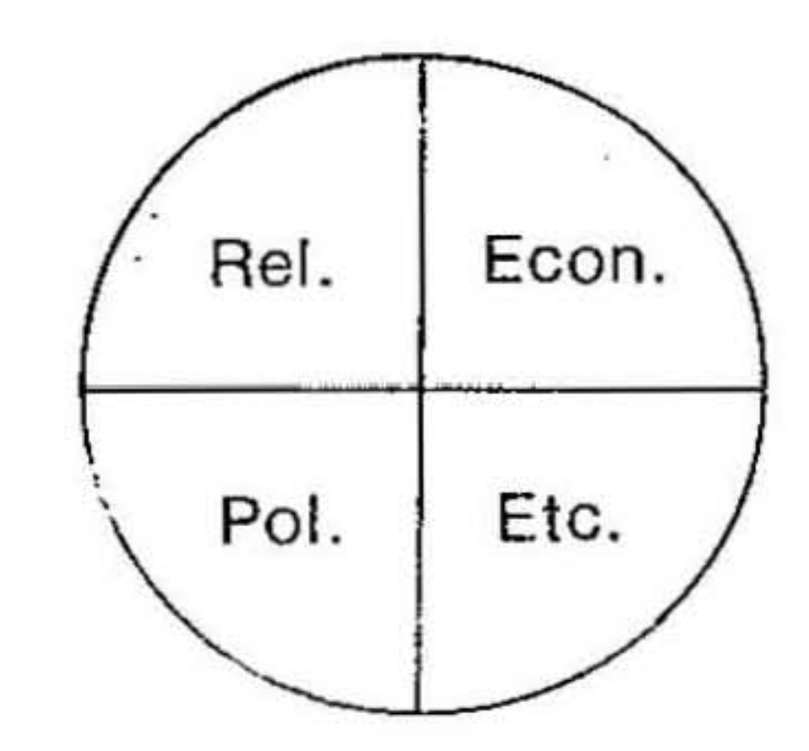
O modelo de diferenciação é mais fino. Ele implica não na superação da religião, mas numa mudança em suas formas de expressão cultural. Esta mudança consiste justamente no fato de que, com a evolução, há uma **especificação** das diferentes funções sociais, inclusive, da função religiosa.

Esta função não se exprime mais em termos de totalidade cultural, mas se concentra num setor desta, justamente nas instituições religiosas. De alguma forma, a Religião, se esgota nesses lugares socialmente definidos.

Com a especialização institucional, as diversas áreas da sociedade se autonomizam e se emancipam da dominação dos valores religiosos. A religião não totaliza mais a cultura. Fecunda-a, mas por dentro. Não a enquadra mais (9).

Passa-se, portanto, de uma forma religiosa indiferenciada para uma diferenciada, como figuramos a seguir:





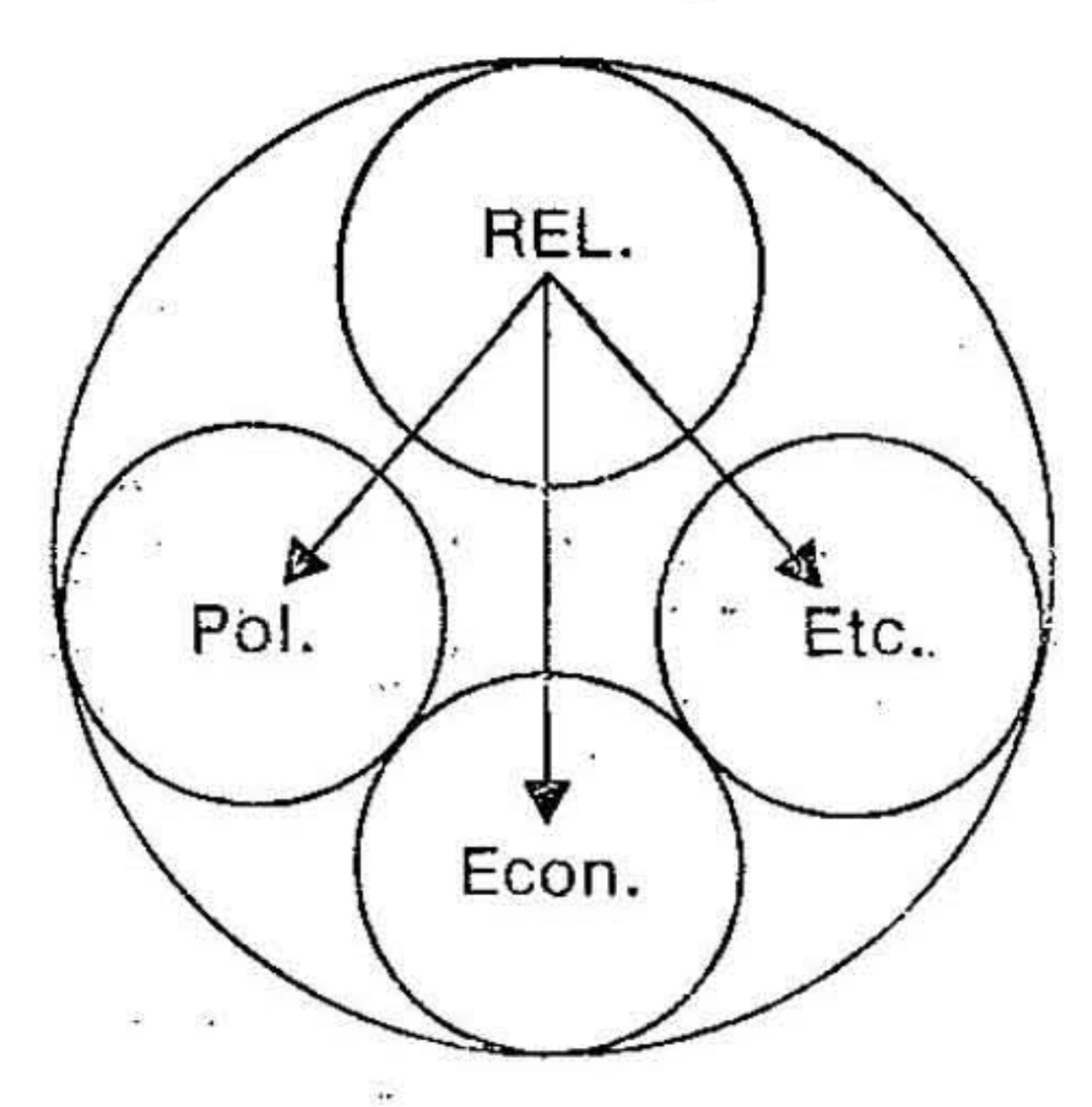
7. A interpretação dialética

Mas a interpretação anterior ainda é **limitada.** É tudo o que pode dizer o modelo funcionalista. Ele supera o positivismo mas não se auto-supera. **Religião → Secularismo) → (Religião globalizante → Religião diferenciada).**

Aqui precisamos dar um passo a mais. Para isso nos ajuda o modelo **dialético** da leitura social. Esse nos mostra que, como setor diferenciado (= sistema), a religião não recobre mais o conjunto social. Ela não é

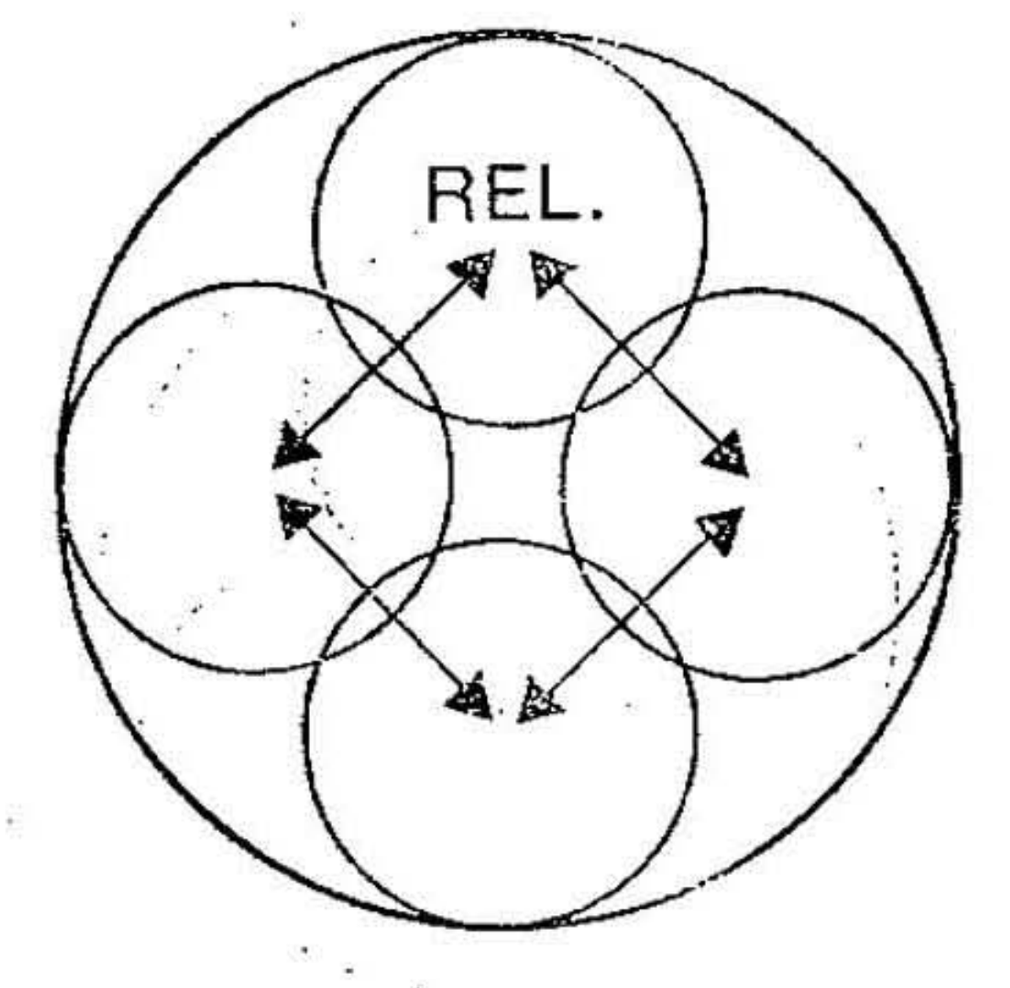
mais o discurso da sociedade, seu horizonte de compreensão. Aqui não se entende mais o mundo a partir da Religião e pela Religião. Não se fala mais **religiosamente** das coisas. Fala-se sobre a Religião, mas não **a partir** dela (10). Neste sentido não estamos mais numa sociedade sagrada, como o eram em geral as sociedades "primitivas" (clânicas, tribais, etc.).

Mas a Religião, embora regionalizada, pode manter ainda a **dominância**. Ela é então o sistema hegemônico que articula o conjunto social e lhe dá unidade. Nem tudo é religioso mas nada pode ser contra a religião. Podemos figurá-la assim:



Este é o tipo de relação que teve vigência na Idade Média européia com suas ordens: **oratores, bellatores, laboratores.** Mas era uma sociedade **dominada** por um sistema ("ordem"): a Igreja. É o modelo de cristandade, onde a dominância era exercida pela instância ideológico-religiosa. Nisto o próprio Marx não discorda (**O Capital**, capítulo I, nº 32).

Na época atual — que chamamos de moderna ou secular — a Religião já perdeu a dominância. É um sistema ao lado de tantos outros, interagindo com eles sob a regência (dominância) de um sistema particular (que seria o **econômico**, no caso de uma sociedade burguesa). A figura aqui seria assim:

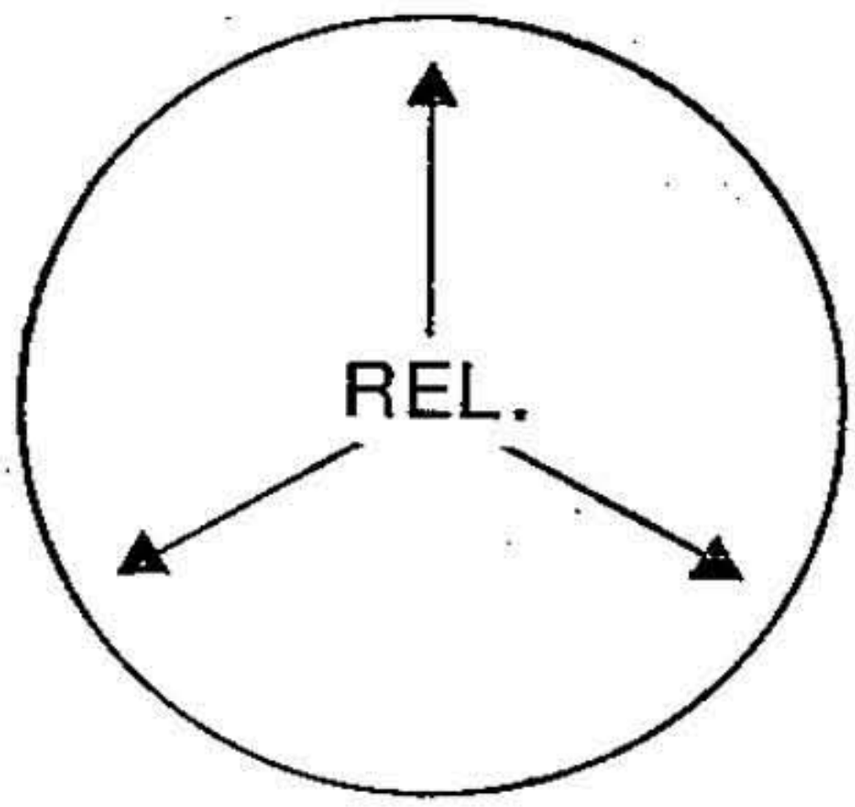


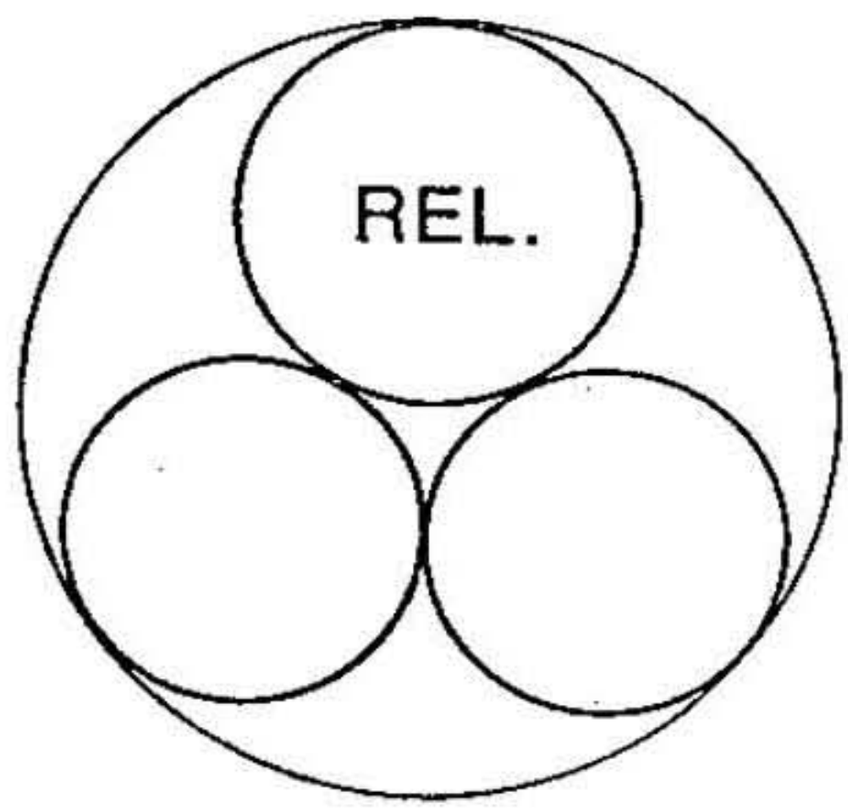
Temos, pois, aqui uma diferenciação, mas dialética. Não está a Religião fora da Sociedade, nem está desligada dos outros sistemas sociais, tal o Político, mas está em interação com eles. Entretanto, o processo não pára aí. Podemos assinalar mais duas fases:

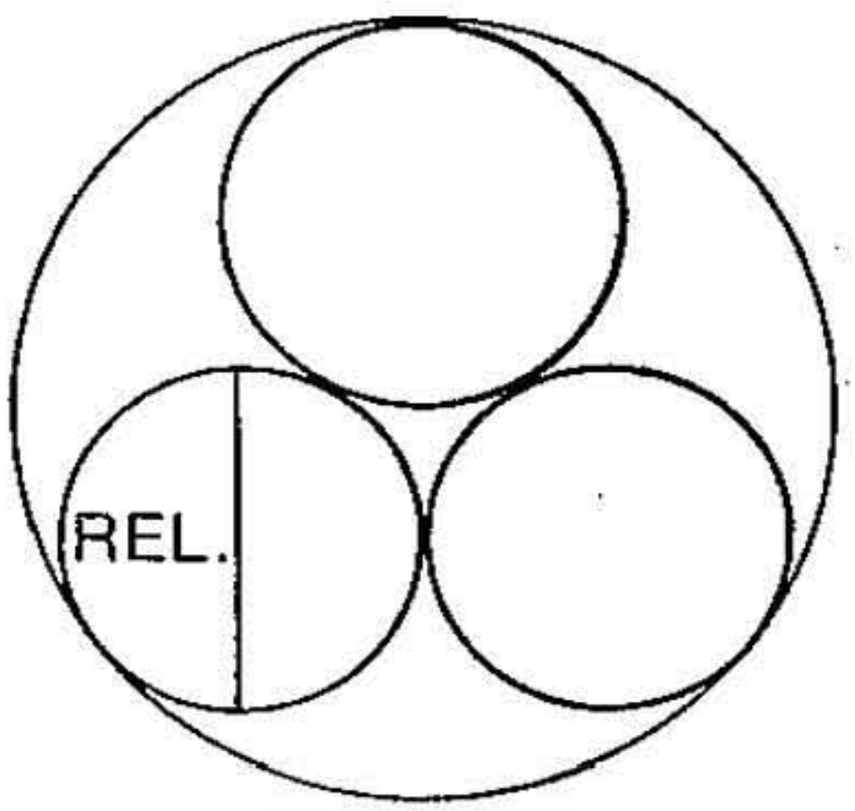
1. Uma, em que o campo simbólico se fragmenta em dois: sub-campo religioso e sub-campo das ideologias seculares (século XVI em diante).

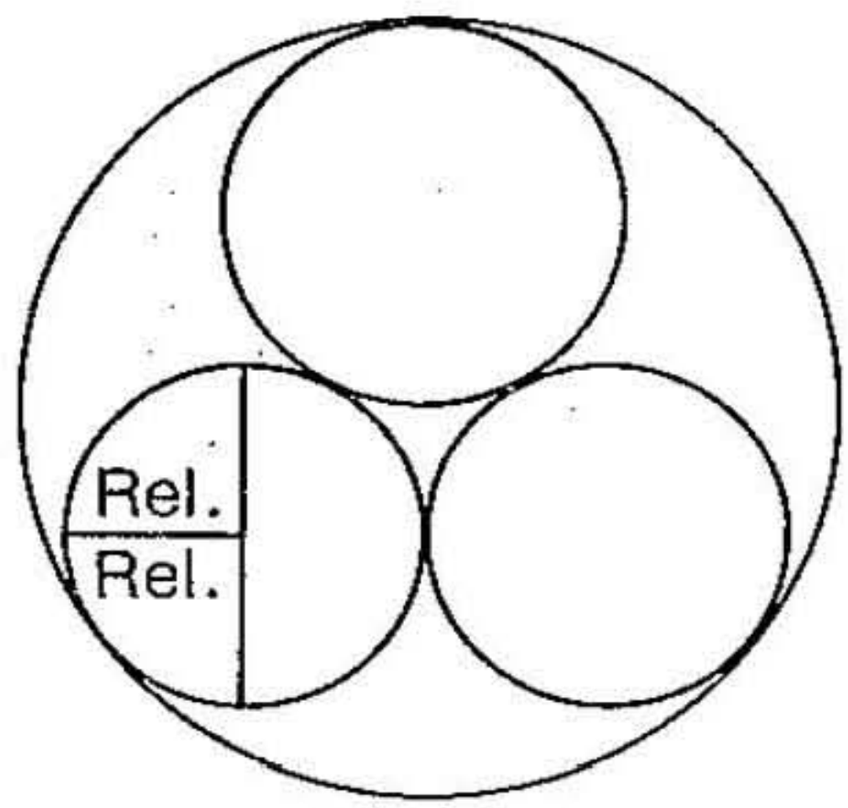
2. Outra, em que o sub-campo religioso se fratura internamente em diversas correntes religiosas e mesmo em diversas religiões.

Podemos figurar assim o processo da presença da Religião na Sociedade:









8. Secularização: movimento duplo

Mas a esta altura sucede algo de curioso. Por um lado, o Religioso se torna bem diferenciado, delimitado dentro de um quadro social bem definido relativamente a outras funções sociais (sistemas), que se tornam assim profanos, seculares. Além disso, ele se diversifica profundamente por dentro, se segmenta e perde seu monolitismo.

Por outro lado, o Religioso se espalha de certa forma (seu "espírito") para fora de seus limites institucionais, sacralizando estas funções seculares. Temos então por resultado que a Religião se diferencia claramente ao mesmo tempo em que o Religioso se difunde subrepticiamente. Paralelamente, os sistemas profanos ou seculares não têm mais funções ou significados religiosos, mas se investem por vezes de certa áurea religiosa.

Por isso se diz que a secularização é um processo duplo. Significa por um lado a relação social da **Religião institucionalizada**. Por outro lado, assinala a efervescência do **Religioso extra-institucional** (11).

O sociólogo da religião H. Desroche, analisando os movimentos messiânicos em nossa sociedade, chegou a esta constatação contrastante: Por um lado existe o apagamento das Religiões (institucionais);

por outro lado existe a vaga montante do Religioso (religiões selvagens) (12). Coincidindo com esta concepção mais analítica, A. Touraine usa uma comparação interessante. Diz ele:

— A religião é como vinho que foi fechado numa garrafa: a Igreja. A garrafa quebrou-se e há vinho em todo canto. Há espírito religioso por tudo (13).

9. O enfraquecimento social da Religião institucional

Diremos então, em primeiro lugar, que há efetivamente erosão social das instituições religiosas. No nosso caso, há uma descristianização sociológica, uma deseclesialização ou ainda, o estouro do cristianismo cultural (14).

Não é mais a Igreja no Cristianismo que estrutura o espaço cultural de uma sociedade. Nesse sentido o Cristianismo não detém mais a **hegemonia ideológica** da sociedade pois há outras correntes ideológicas especialmente o liberalismo e o marxismo que impõem predominantemente suas vistas.

Por outro lado, o Cristianismo tem a seu lado outras correntes **religiosas**, que são as várias religiões populares (pentecostalismo, cultos afro-brasileiros, kardecismo, etc.). Desse ponto de vista, ele não tem mais o **monopólio religioso**, embora mantenha a liderança nesse campo.

Há, pois, um declínio da presença social da Igreja, declínio significado na perda pela Igreja de recursos efetivos que lhe permitiam antes um maior poder de intervenção social (15).

10. A ascensão do religioso indiferenciado

Ao lado disso, há, como dissemos, um ressurgimento do religioso. Este processo está ligado ao aspecto anterior. Na medida em que a Igreja se fende, perde sua coesão interna e se fragmenta, o espírito religioso também se esvai (como o vinho de Touraine) e ressurge em outros lugares sob novas formas.

O espectro religioso se divide em eclesiástico (cristão) e não eclesiástico. Este último apresenta um aspecto magmático. Poderíamos aí distinguir três linhas:

1. A linha de religiões **não-cristãs** mais ou menos institucionalizadas, como as que já foram referidas.

2. A linha de uma busca **religiosa difusa**, mas que se define como tal, como a magia, a astrologia, o ocultismo, as experiências com drogas, o orientalismo (Zen, Tao, hinduísmo), a Jesus Revolution, etc.

3. A linha de uma **busca de sentido último radical** (portanto, religioso) **fora de uma religião definida** como tal. Aqui haveria um investimento da economia religiosa sobre funções não religiosas:

— A arte (experiência transcendente).

— A ciência (o novo Messias que resolve tudo).

— A política (causas incondicionais).

— A economia (deus dinheiro).

— As ideologias (as novas ortodoxias).

— A ética (sagrado interiorizado) (16), etc.

Na medida em que adquirem um índice de sacralidade, incondicionalidade e importância suprema, estas realidades não têm nada de estruturalmente distinto do Religioso como tal.

Haveria aqui lugar para uma apreciação valorativa, por exemplo, em termos do Religioso autêntico (transcendental) ou inautêntico (intra-mundano), isto é, em termos de Deus ou de ídolo. E, em seguida, em termos do religioso (sagrado) originário ou derivado, etc.

Deveríamos então dizer que há um **quantum** religioso que circula na sociedade e conserva seu volume mais ou menos igual, variando apenas as formas de sua expressão e os objetos de seu investimento. Isto se ligaria ao fundo **ôntico** do homem, que previamente a toda experiência, é um **animal religioso**, uma criatura, um ser religado entitativamente ao mistério absoluto. Ele secreta a religião como a aranha secreta sua teia.

Basta esta referência à abordagem **filosófica** acerca da constituição **metafísica** do homem (antropologia).

11. Conclusões

Concluamos este exame de caráter sociológico.

1. O fator religioso vai perdendo sua **força** social. Ele não estrutura mais o campo das relações sociais. É a perda da dominância social da Religião.

2. O fator religioso não consegue mais **informar** a totalidade do espaço cultural ou simbólico (ou ainda ideológico). É a perda da dominância simbólica da Religião.

3. O religioso está como que encerrada nas instituições ditas religiosas mas sua virtude se estende sobre outros setores sociais.

Observemos que não quer isso dizer que a Religião tornou-se um negócio privado, assunto de ordem **pessoal**. É como sempre foi: uma questão de consciência. Mas não é só isso. Ela teve e continua tendo uma dimensão **social**. A questão da secularização diz respeito não à perda da "socialidade" da Religião mas à perda de seu **índice de dominância** relativamente às outras instâncias.

Assim foi também com os laços de sangue (sexuais e familiares). Esses são dominantes nas sociedades ditas primitivas (clãs, tribos, etc.). Entretanto com o evolver da sociedade, esse fator perdeu sua importância, sem, no entanto, deixar de ser social e de influir, à sua medida, sobre as relações sociais. Seu coeficiente de dominância é porém agora bastante reduzido. Um processo análogo se passa com a Religião.

II. ABORDAGEM TEOLÓGICO-PASTORAL

Vamos agora fazer uma apreciação teológico-pastoral do fenômeno estudado. A nosso ver, há duas lições a tirar do exame da seculari-

zação: O reconhecimento e o conhecimento da mundanidade do mundo e da historicidade da história; a reimportação da missão da Igreja em função da secularização da sociedade em termos da dialética fé — agapé ou religião — ética (17).

1. Reconhecimento da mundanidade

Isso não é novo. O Vaticano II nos convida a isso (GS 36; LG 36) e recentemente a Evangelii Nuntiandi (número 55).

De há tempo, já se aprendeu na Igreja a ver na estrutura **metafísica** das coisas (natureza) a inscrição da razão eterna. Isso vem dos Padres e dos Escolásticos que, para tanto, se inspiraram nos Estóicos. Discriminaram no caráter da criação o propósito de Deus para o homem, de sorte que obedecer à natureza era obedecer a Deus (**lex externa**) (18).

Depois do século XVI em diante, tentou-se aprender a descobrir o plano de Deus na natureza **física** do universo: cósmico (astrofísica) e atômico (microfísica). Mas desde 200 anos, com a descoberta da natureza **sócio-histórica** do homem, não se chegou ainda a uma síntese.

Há que poder ver na lógica histórica da Sociedade a efetivação do Plano divino. Há que ver nas leis de estruturação e de transformação social a assinatura da mão do Pai. Se não ficamos no dualismo, indigno de Deus e da História.

Certamente, muitos cristãos que se inspiram no marxismo sentir-se-iam ajudados por uma reflexão teológica a respeito. É um verdadeiro desafio mostrar como, por exemplo, na determinação do Econômico pode passar a ação do Espírito criador e renovador; e que pelas contradições sociais os homens podem tornar-se os atores da História divina, cujo único autor é Deus.

Respeitar a estrutura autônoma da Sociedade é render homenagem a seu Criador. O contrário é desprezá-lo. Esta é a lição de Tomás de Aquino na **Summa Contra Gentiles**, livro III, capítulo 69, intitulado "Sobre a opinião dos que privam as coisas naturais de suas ações próprias" (19).

Cabe-nos, pois, procurar entender como a secularização responde ao plano de Deus ou não. Faz-se aqui necessária uma interpretação na linha dos "Sinais dos Tempos" (GS 4 e 11). Trata-se de uma teologia que ajude à vivência num mundo secular tanto no nível da espiritualidade ou pastoral quanto ao nível da ética, sobretudo política.

2. Implicações pastorais de secularização

Façamos de início três observações prévias.

Primeira. Quanto à missão da Igreja, o processo de secularização em termos sociológicos é **muito relevante**, pois significa, como vimos, o abalo da instituição eclesiástica, resultando na sua diminuição quantitativa e em seu enfraquecimento qualitativo. Isso em termos sociológicos.

Em termos teológicos (e isso ficará mais claro com o que diremos mais à frente), a secularização é um fenômeno **muito relativo**. E isso por duas razões. Em primeiro lugar porque a missão da Igreja permanece o que ela sempre foi: o anúncio do Evangelho, do Reino, de Jesus Cristo. Essa missão independe, como tal, das culturas, ainda que se faça sempre dentro de uma cultura. Pois esta tarefa diz respeito à humanidade do homem e à divindade de Deus — coisas que não são fenômenos culturais, mas transculturais. Por isso, segundo a ordem de Deus — pregar-se-á o Evangelho a todos os povos até o fim do mundo (Mt 28).

Em segundo lugar, a secularização da cultura é teologicamente relativa porque o efeito da pregação da Igreja não deve ser medido finalmente por critérios **sociais**. Seu elemento próprio de verificação é outro. Com efeito, não se pode confundir aqui **significação e verdade**. Ainda que culturalmente o Cristianismo não pese mais tanto, nem por isso sua verdade deixa de ser verdadeira. Sua força social não é garantia absoluta de seu valor de realidade (20).

O que pode pesar em termos da verdade da fé (credibilidade) não é a **influência** histórica da mesma, mas sua **qualidade** ("frutos de santidade"). O que importa aos olhos da fé não é a afirmação confissional no nível das **expressões** culturais mas sua instauração objetiva e real ao nível das **práticas** sociais.

Importa pouco que uma cultura se **auto-denomine** cristã (tal, por exemplo, a Espanha franquista ou o Chile pinochetiano). O que importa sobretudo é que uma **sociedade** humana se estruture na linha do Reino, isto é, segundo os valores cristãos (justiça, igualdade, etc.). Mas é claro, o ideal é quando uma sociedade, além de procurar se pautar pela ideal do Reino, chegue também à confissão da Fé. Contudo, não há dúvida de que o elemento que conta finalmente é a **prática** e não a **prédica**.

Segunda. Talvez pareça que não se deva levar em conta a questão da secularização em nosso contexto latino-americano, pois este já se apresenta carregado de religiosidade. A figura do homem secular inexistiria entre nós. Não há dúvida quanto ao caráter **massivo** da religiosidade latino-americana. Mas seria duplamente enganoso basear uma pastoral sobre essa pressuposição.

Em primeiro lugar porque, em boa parte, tal religiosidade se liga a aspectos arcaicos e primitivos da cultura. Baseiam-se na "ignorância" popular, como se diz impropriamente. Nesse ponto a Igreja não só deve basear nela sua pastoral, mas talvez pertença à sua missão **favorecer o processo de secularização**, no sentido da purificação da religião popular, da emancipação cultural da mesma frente a certas interpretações de natureza e da sociedade que inibem sua libertação. É a questão da "alienação religiosa". A desalienação, efeito da secularização, se paga com o desaparecimento de certas formas de **religiosidade** popular. Aliás é o que a Igreja efetivamente faz com seu trabalho de educação conscientizadora.

Isso nada prejulga daquela regra pastoral elementar que é o respeito pela sensibilidade **popular,** o que obriga a evangelizar a partir do **estado real** em que o povo se encontra e não do estado ideal onde deveria se encontrar.

Em segundo lugar, seria enganoso fundar-se no (não digo **partir do**) estado atual da religiosidade latino-americana, pois **tal estado não tem garantia nenhuma de permanência.** Tudo indica aliás que, com o "progresso", ele muda inevitavelmente na direção da secularização. Aqui se coloca a questão vital das CEBs atuais cuja maioria se situa em áreas ainda não densamente secularizadas. É conhecida a tese de M. Weber: O Capitalismo, em seu estágio **avançado, tornado** extremamente racional, dispensa a religião que o ajudou a nascer e crescer.

O **ethos** da racionalidade científico-técnica toma o lugar da ética (calculista) da poupança ascética e da procura do "sucesso" como prova de predestinação.

Impõe-se aqui acompanhar o avanço crescente do Capitalismo e de seus **ethos** secularizador, não para **impedir** seu curso (que seria irracional e anti-evangélico), mas para adequar-se a ele em termos pastorais. Esse alerta já foi feito por qualificadas vozes no II Encontro Inter-Eclesial de Vitória, em 1976 (21).

Terceira. Talvez se diga que falar da diminuição da força da Igreja na sociedade valha alhures mas não na América Latina onde se nota no presente a posição de vanguarda na Igreja na linha social e até política, sobretudo no Brasil (22).

Mas talvez seja precipitado agarrar-se a isso em função de planos de algum alcance, pois, segundo certos analistas sociais (F. Weffort, Cândido Mendes, etc.), a força atual da Igreja se explica **pela conjuntura política vigente.** De vez que nessa os canais normais de expressão popular se encontram obstruídos, a voz do povo se faz ouvir por outros canais. A Igreja se torna então a voz dos "que não têm voz", mas somente até que os silenciados possam enfim falar. Aí a Igreja se retira do palco para os bastidores.

Respondidas essas três objeções, passemos a esboçar muito sucintamente quais são as **implicações da secularização para a missão eclesial.** Essas implicações se fazem em dois pólos dialeticamente unidos: no pólo religioso-cultural ou da Fé e no pólo Ético-político ou do Agapé.

A. No pólo religioso-cultural: Fé. A Igreja guardará aqui sua fidelidade básica para em sua missão a de ser o Sacramento do Amor de Deus no seio da Cultura secular. Não será mais a Igreja da Cristandade, onde a Igreja enquadrava a Sociedade que se entendia então como cristã. Será agora, não mais uma nova Sociedade cristã, mas uma Comunidade religiosa no seio de um Mundo secular. É a **Igreja da Diáspora,** cujas comunidades estarão disseminadas pelo corpo social, sem recobri-lo todo, mas animando-o por dentro.

É a Igreja no Mundo e não mais o Mundo na Igreja. Esta não será

mais o "corpo" da Sociedade, mas sua alma, segundo a bela figura da **Carta a Diogneto.** Antes ela constituía como a **forma** exterior da Sociedade. Agora ela constitui o fermento interior da mesma. As imagens evangélicas de "fermento" e de "sal" são as mais apropriadas para este tipo de presença. Eis aqui um "algoritmo" característico:

$$\text{Igreja}\left(\frac{\text{Cristandade}}{\text{Diáspora}}\right) = \text{Pão}\left(\frac{\text{Fôrma-Forma}}{\text{Fermento-gosto}}\right)$$

Não será, pois, necessário que todos acreditem mas que a função da Fé subsista realmente dentro da sociedade humana; que alguns assegurem este serviço necessário para todos e em nome de todos. A **catolicidade** ou **universalidade** da Igreja deve aqui ser entendida não de modo quantitativo ou sociológico mas de modo qualitativo ou teológico. Ela será sempre um sinal dirigido **a todos** (catolicidade de intenção, vocação, missão: De Lubac) e em **favor de todos** (função vicária: pars pro toto).

Poder-se-ia perguntar se não pertence à essência da Igreja não poder ser de fato um negócio de todos. Neste caso, a necessidade da Igreja para a salvação não estaria no fato de todos terem de ser cristãos (se bem que em princípio o possam) mas no fato de essa função dever ser garantida no mundo por alguns, mas em benefício **de todos.**

Rahner, na aludida conferência, afirmava com realismo que o Cristianismo (ele falava na verdade do teísmo) iria constituir no futuro "o apanágio das elites". Mas, segundo ele, tal condição em nada deporia contra a verdade do Cristianismo e por isso nem contra sua **validade universal,** pois o mesmo acontece com os conceitos mais elevados da estética, da ética, da lógica, etc., que são apreendidos como tais por **poucos** mas que nem por isso deixam de valer **para todos** (23).

É claro que nessas condições, o Cristianismo, como foi dito, se torna de mais a mais objeto de uma **decisão pessoal,** para a qual não se pode mais passar a delegação à cultura.

Para exprimir esta re-conquista pessoal da Fé para além da crítica da razão secular e secularizante, P. Ricoeur retoma uma expressão de Hegel e fala numa **segunda ingenuidade,** sendo a primeira a da fé, no interior da cultura cristã (24).

B. Pólo ético-político: agapé. Seremos breves, pois levantamos esta questão em outras comunicações (35). Basta ressaltar aqui três pontos.

1. O espaço cultural secularizado continua sendo o **espaço da vivência da fé** (Agapé). As diferentes práticas sociais profanas (artísticas, políticas, econômicas) podem e devem ser vividas pelo cristão segundo a inspiração da Fé e no respeito às leis autô-

nomas dessas práticas. Os motivos da Fé constituem sua alma: seguimento de Jesus, obediência ao Pai, voz do Espírito nos Sinais dos Tempos, esperança escatológica, bem-aventuranças, fome e sede de justiça, encarnação, numa palavra: Agapé .

Uma intenção evangélica (sobrenatural) anima secretamente todas as práticas do cristão no âmbito social secularizado. Não só, o cristão será capaz de detectar os sinais do Espírito também nas práticas dos não-cristãos, na medida em que elas correspondem aos valores evangélicos. Nelas e por elas também, a semente do Reino faz seu caminho, embora os homens nem se dêem conta disso, como nos lembra a parábola do grão que cresce sozinho, de Marcos 4 e a parábola dos "cristãos anônimos" de Mateus 25.

2. O espaço social, profano, é também e sobretudo o lugar do encontro real, embora nem sempre consciente, **com Deus.**

A oposição Deus X Homem, Religião X Política não é evangélica. Para a Escritura o Homem é o Sacramento de Deus (Gên 1) e o Pobre o Sacramento do Cristo (Mt 25). A Política é o campo do "amor político" (Pio XI), da libertação dos oprimidos e da instauração do Reino.

Ao cristão não interessa o poder, mas a **vida** do irmão. Interessa-se com o poder exclusivamente como **mediação** de vida, de justiça e de Agapé. É por incidência, indiretamente, que a Igreja em geral se vê envolvida na Política. Claro, há **momentos** puros de louvor, de culto e há momentos de prática, de luta. Há momentos **sagrados** e momentos **profanos.** Mas estes momentos devem ser mantidos ligados e mutuamente referidos. Se há funções, momentos, práticas, instituições **sagradas** (Religião), para o Cristão tudo é (ou pode ser) **santo** graças ao Agapé.

A prioridade entre estes dois momentos — culto e prática — é certamente o da prática. Pois é a prática do Amor que salva. Certamente a Política, como ciência ou como **técnica** é inferior à Religião, mas como **areté** (virtude em termos cristãos como **mediação agápica**) ela é superior à própria Religião (entendida como culto).

A secularização penetrou na área da própria Igreja, especialmente no sentido de um "cristianismo a-religioso" ou de uma "fé secular" como se tem falado. Este ponto é deveras delicado, tendo já provocado, uma série de confusões.

O fato é que a secularização, como experiência e como horizonte de compreensão de nossa epocalidade, não atinge apenas os "outros", enquanto que os "religiosos", como bispos, padres, frades e freiras, estariam a salvo de sua influência. Não, a secularização não passa tanto através de grupos sociais, dividindo-os entre religiosos e não-religiosos, mas passa através de cada pessoa, definindo funções religiosas e funções não religiosas numa mesma pessoa.

Na medida em que o acento da vivência da Fé cristã se **deslocou do culto para a política;** em que valorizamos mais as práticas **éticas** que as

religiosas; em que nos voltamos mais para fora do sistema eclesiástico, para a sociedade (dos pobres) de que para dentro, então se pode dizer que estamos na linha de um "cristianismo secular". Estamos vivendo o momento profano da Fé, o momento da práxis, da ética, sobretudo da política. É só examinar os temas dos documentos mais importantes da CNBB. A maioria gira em torno de problemas sociais, especialmente políticos.

3. Por fim há que relativar em toda linha o aspecto cultural (expressivo) da Religião ou da A-religião (secularização). Ser religioso ou não conta muito secundariamente, seja em termos sociológicos como em termos teológicos. Em primeiro lugar, porque a Religião é da ordem da **superestrutura** e não é ela que faz a Revolução (Marx contra religião-ópio) e nem que dá a Salvação (Jesus contra a farisaísmo).

Depois, tanto sociologicamente quanto teologicamente, a Religião é **ambivalente.** Em sociologia, identificamos as religiões alienadas e desmobilizadoras e as religiões messiânicas e libertadoras (26).

Em teologia, encontramos o Sumo-Sacerdote Caifás ao lado de Jesus Cristo, o inquisidor Torquemada ao lado de Irmão Francisco, o bispo Cauchon ao lado da Donzela Joana d'Arc, o Papa Alexandre VI ao lado do pregador Savanarola, o Conquistador Hernán Cortez ao lado do advogado dos índios, Bartolomé de Las Casas, etc.

A essa altura, cabe uma palavra sobre o **secularismo.** Não que não devamos distinguir secularização do secularismo mas tal distinção é sem dúvida secundária, senão mal colocada. A distinção importante e decisiva é outra. É entre um secularismo **ideológico** e um secularismo **prático.** Se entendemos por secularismo a recusa do Transcendente, do Mistério de Deus, tal recusa só pode ser "desastrosa" em termos de **prática:** quando há recusa do plano de Deus, da vontade de Deus, das causas de Deus, na ordem das **atitudes,** das **práticas** e dos **fatos.** Esse é o sentido real do secularismo. Antes de ser uma **ideologia,** secularismo é **uma prática.**

Afinal quem é secularista? O militante marxista que se confessa ateu e considera a Religião uma alienação mas que assume a causa dos explorados, "os irmãos de Jesus" e se entrega a ela até a morte; ou é o cristão burguês que "pratica" escrupulosamente sua religião, pauta sua vida segundo os padrões burgueses da honestidade mas que vive de fato em função do enriquecimento pessoal e do sucesso profissional?

Quem tem o homem, sobretudo os pobres, por sua causa, já está de fato aberto a Deus, afirma existencialmente a Deus, embora sob o silêncio deste nome e mesmo sob a sua negação verbal. O resto é ideologia.

Eis pois os dois pólos que a Igreja deve continuar a manter unidos da maneira que puder. Esta posição combina com o duplo mandamento em que Jesus condensa toda a Lei e os Profetas: amar a Deus acima de

tudo e amar ao próximo como a si mesmo, sendo que há **dialética** entre os dois, "pois o segundo e semelhante ao primeiro", disse Jesus. Combina outrossim com a insistente recomendação da primeira Carta de João, que resume o Evangelho na dupla orientação: Fé em Deus (Pai) e em seu Filho (Jesus Cristo) e Agapé ao Irmão. Aqui também uma coisa se prova pela outra, sendo que o Agapé permanece sempre como a última instância. Pois o Agapé e o maior (27).

NOTAS

(1) Este estudo foi feito em função do tema nuclear presente no **Documento de Consulta** para a III CELAM (Puebla). Este documento incide em interpretações grosseiras, confundindo secularização com secularismo (Cf. 274, 275, 281, 854, 1036, 1068, 1093, 1095, atemo-nos à tradução brasileira reduzida) e passando por alto a distinção decisiva entre um secularismo ideológico e um secularismo prático. Secularismo torna-se um anti-cristianismo. (2) Confere deste A., **Verhaengnis und Hoffnung der Neuzeit**, Secularisierung als theologisches Problem, Friedrich Vorwerk, Stuttgart 1958. Resumo do pensamento gogartiano in R. Marlé, **La singularité chrétienne,** Casterman, Tournai 1970, p. 74-77. (3) Considerações Teológicas, in Vários, **Ateísmo e Secularização,** Paulinas, Caxias (RS) 1970, p. 76-77. (4) J. SHEA, A segunda ingenuidade: enfoque dum problema pastoral, in **Concilium,** nº 81 (1973) 93-102. (5) G. BAUM, A sobrevivência do sagrado, in **Concilium,** nº 81 (1973) 7-16. Sabe-se que para Engels, o Cristianismo era uma realidade social historicamente superada. Ele teve sua época: a Idade Média. Desde então, ele não cessa de declinar, irreversivelmente, sem poder mais voltar a informar a civilização. (6) TH. LUCKMANN, A Religião Invisível, cit. in **Concilium,** nº 81 (1973) 44-45. (7) Idem, ver nota 6, página 53. (8) Idem, ver nota 5. (9) Autores que defendem esta interpretação: J. SHEA, art. citado; TH. LUCKMANN, op. cit., H. KUNG, **Ser cristão,** Imago, Rio 1977, 47-48; G. BAUM, ver nota 5; L. KOLAKOVSKI, **A revanche do sagrado na cultura profana,** in Religião e Sociedade nº 1 (1977) 153-162. (10) Idem, ver nota 4, página 94. (11) D. HERVIEU-LÉGER, Sinais de um despertar religioso contemporâneo, in **Concilium,** nº 89 (1973), 1051-1063. (12) **Les Religions de contrabande,** Mame, Tours. (13) in **Antrement,** nº 2, verão 1975, p. 100 e também em Communication, jan. 1975. (14) Confere nosso estudo **Igreja e Política,** in Comunidade Eclesia — Comunidade Política, Vozes, no prelo, capítulo IV, nº 3, onde se citam, em apoio à tese aqui sustentada: P. BERGER, E. POULAT, RALPH DELIA CAVA (que fala do colapso da liderança da Igreja no Brasil), M. M. ALVES, Influence politique de l'Eglise au Bresil, Cerf, Paris 1974. Confere também algumas contribuições in **Opinião,** e 4/12/76, p. 3-4; 25/2/77 p. 5; 18/3/77, p. 2. (15) A expressão Deus está morto significa que o mundo supra-sensível perdeu sua força efetiva, M. HEIDEGGER, **Holzwege,** Klostermann, Frankfurt, 1957, p. 200. (16) ROGER CAILLOIS, **L'Homme et le sacré,** Gallimard, Paris 1950, especialmente, a Conclusão. (17) Fé = núcleo da Religião, "substância" da "forma cultural" que é a Religião (P. Tillich); Agapé = núcleo da Ética (Jesus, Paulo, João, etc.); o amor é a forma de todas as virtudes (Tomás de Aquino). (18) H. R. NIEBUHR, **Cristo e Cultura,** Paz e Terra, Rio de Janeiro 1967, p. 159. (19) Desse ponto de vista, o referido **Documento de Consulta** surpreende. Ele pretende anular o processo de secularização com uma simples negação ou condenação, como se os fenômenos históricos se resolvessem na base de Ucasses. (20) Idem, ver nota 4, página 93. (21) SEDOC nº 95, v. 9

(out. 1976), especialmente J. B. Libânio, col. 314 e E. Hoornaert, col. 285. (22) Coluna do Castelo, JB do dia 4/2/78, in Jornal do Brasil, assinado por Marcos Sá Corrêa e o Informe JB do dia 4/2/78, página 6, referindo-se à Igreja, com suas CEBs como sendo talvez "a força política mais viva, mais organizada e mais poderosa do país". (23) Cf. K. RAHNER, op. cit. p. 78-80. (24) Idem, ver nota 4, página 94. (25) Cf. in REB, nº 149 e 150, v. 38 (1978). (26) Idem, ver nota 11, página 1059-1111. (27) Cf. 1 Cor 12, 31; 13, 1-3.13.

A Doutrina da Igreja e o momento histórico

O mundo da palavra e da ação parece conturbado. O fiel que põe sua roupa de domingo na inocência de todos os dias talvez prefira engolir a seco as divergências optando por uma solidariedade discreta com o pároco que lhe dá a bênção, com o bispo que lhe infunde respeito e com Cristo que o submete por amor e compaixão. Mas a palavra da Igreja tem uma dimensão pública que a torna candente. A pregação escondida no púlpito ganha virtualidades diferentes quando transpõe as portas do templo. Dizer ao fiel que ele deve ser honesto e fazer da caridade uma forma de transformação de si e do mundo pode tornar-se uma faca pontiaguda que fere a consciência pública, na medida em que este cristão se torna pai de família no seu lar, profissional no seu emprego, político na sua assembléia.

Este momento de transição que vivemos se traduz na incerteza, insegurança e angústia. Vivemos entre padrões de vida que almejamos e padrões que se frustam no dia a dia entre exigências de ação política que propicie o advento da segurança social e a injustiça crônica que oscila entre a fome que sobrevive e a opulência que desdenha. A ansiedade do transitivo obscurece nossas idéias e limita nossa ação. Pode ser então que a palavra da Igreja chegue até nós de forma difusa, distorcida, carregada de efeitos dúbios. Demos mais importância aos fatos do que às palavras; mais valor aos problemas do que às interpretações.

Ver tudo com os olhos vesgos da ideologia é ver demais e ver de menos. Quem fala de um problema pode estar dando a ele uma interpretação própria, sem perceber que a interpretação e o problema não são a mesma coisa. João XXIII afirma na PACEM IN TERRIS: "A doutrina é aquilo que é, mas um movimento, mergulhado como está em situações históricas em contínuo devir, não pode deixar de lhes sofrer o influxo e, portanto, é susceptível de alterações profundas". (Tércio Sampaio Ferraz Junior, Professor de Direito da USP).

PELAS REGIONAIS

Aspectos do serviço da CRB aos Religiosos. O variado colorido de fatos e acontecimentos da animação da Vida Religiosa. Incentivo para sensibilizar e despertar em dimensões nacionais o que acontece em termos regionais.

Pe. Celso Sehn, MSF
Rio de Janeiro, RJ

REGIONAL DO RECIFE

Dados Gerais. Abrange quatro Estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, perfazendo um total de 235.400 quilômetros quadrados com 12.771.900 habitantes. Geograficamente a Região se divide em quatro zonas: Litoral, Mata, Agreste e Sertão. Das quinze Regionais da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, a Regional do Recife ocupa o 11º em superfície e o terceiro em número de habitantes. A Regional abrange quatro Províncias Eclesiásticas e 19 Dioceses. Há na Regional 2.809 Religiosas em 354 Casas de 60 Congregações e 485 Religiosos em 132 Casas de 21 Congregações.

Reunião dos Superiores Maiores. Este Encontro realizou-se no dia 4 de abril no Colégio Nossa Senhora do Carmo. Participaram 30 Provinciais. Fez-se uma avaliação da XII Assembléia Pastoral Regional. Estudaram-se algumas questões que ficaram abertas naquela oportunidade: Pequenas Comunidades e seu acompanhamento; O problema da manutenção destas Comunidades.

Formação. De 27 a 31 de julho, em Lagoa Seca, Campina Grande, Paraíba, o Irmão Aleixo Maria Autran, FMS, ministrou um Curso de Mariologia Bíblica.

REGIONAL DE SÃO LUÍS

Formação. De 12 a 14 de abril, no Centro de Formação Santo Antônio, em São Luís, MA, a Regional promoveu o Encontro de Coordenadores de Comunidades. O tema de estudo foi: LIDERANÇA DO SUPERIOR apresentado pelo Pe.

Bernardo Morissetti, SJ, de Fortaleza. O assunto correspondeu aos anseios dos participantes. Os mesmos sugeriram a continuidade do estudo do tema em encontros posteriores.

Retiro Mensal. No dia 30 de abril, em São Luís, houve retiro intercongregacional, cujo tema de reflexão foi: **A Religiosa Profissional na Oração.** Estiveram presentes 70 Religiosas, inclusive do interior.

Noviciado Intercongregacional. — Teve lugar no dia 11 de julho, em São Luís, mais um encontro de noviços e junioristas. O encontro teve caráter de troca de experiência e conhecimento pessoal.

Assembléia dos Religiosos. Foi realizada nos dias 29, 30 e 31 de julho, aberta a todos os religiosos da Regional para estudar o PROFETISMO DA VIDA RELIGIOSA com a assessoria do Pe. Mosserdote, comboniano.

Curso Bíblico. De 31 de julho a 4 de agosto, em São Luís, Frei Carlos Mesters, OC, ministrou um curso que teve como tema LIBERTAÇÃO NA BÍBLIA.

Seminário de Saúde. Está marcado para os dias 5, 6 e 7 de setembro, em Bacabal. A preparação e coordenação deste Seminário está a cargo da Ir. Ana Carolina.

Retiro. Para as religiosas em São Luís, de 18 a 22 de setembro, será pregado pelo Frei Angelino, OFM.

Mês das Vocações. Diariamente, durante o mês de agosto, Frei Pascoal Rotta, Presidente da Regional, terá um programa na Rádio Ribamar, onde abordará o tema da Vocação. Dia 6 de agosto terá lugar o **Encontro Vocacional,** preparado pelos próprios jovens vocacionados e a equipe responsável pela Pastoral Vocacional. Terá como motivação principal, a preparação da primeira missa de dois neo-ordenados maranhenses. O Dia de Oração pelas vocações será no dia 13/08, na Casa de Oração do Oásis, com a presença de todos os movimentos e grupos das Paróquias, que serão agrupados de três para cada hora, previamente determinados. Haverá palestras sobre a Vocação nos colégios para as turmas de segundo grau. Às Comunidades Locais será proposto que dediquem dia de estudo, reflexão e questionamento sobre a vocação religiosa.

REGIONAL DE BRASÍLIA

Visitas. A Diretoria e a Secretária Executiva, Ir. Maria Luíza Luca, com a finalidade de incentivar os religiosos a participarem das atividades da CRB procuram sistematicamente visitar as Comunidades religiosas do Plano Piloto e das Cidades Satélites. Esta praxe também se estende aos núcleos. Nestas visitas colocam-se à disposição para encontros e cursos em fins de semana. Mantiveram vários encontros com Dom Sinésio Bhon, Bispo Auxiliar de Brasília e encarregado dos Religiosos pela Arquidiocese para expor os planejamentos. Ressalte-se a boa acolhida e orientação de Dom Sinésio.

Juniorato Intercongregacional. Já foi realizado o primeiro encontro com a participação de 34 religiosos de 11 Congregações.

Formação Permanente. Com abertura do ano letivo tiveram início os seguintes cursos: de Pastoral Vocacional, Pastoral Familiar e de Atualização Litúrgica.

Dia de Oração. Costuma acontecer mensalmente na Casa Provincial das Religiosas da Assunção. O primeiro foi orientado por Dom Sinésio Bhon, o qual abordou o tema: **O Religioso e seu Apostolado na Igreja.** Participaram 52 religiosos.

REGIONAL DE SALVADOR

Levantamento. Pe. Xavier Nichele, SJ, Secretário Executivo, expediu aos religiosos da Regional um questionário de 13 itens. Através desta sondagem quer saber o número de Congregações, Comunidades e Religiosos (irmãs, irmãos e padres) na Regional de Salvador. Ao mesmo tempo, deseja aferir a atividade em que estão inseridos os religiosos no campo da pastoral de saúde, educação e formação. Pretende também atualizar os respectivos endereços.

Encontro de Saúde. Foi realizado dia 1º e 2 de abril, na Casa dos Italianos, Boa Viagem, Salvador, BA. Além dos religiosos ligados ao assunto, o encontro esteve aberto para um representante de cada núcleo diocesano.

Curso para Noviços. Estes cursos se destinam aos noviços do segundo ano. Serão absorvidos em três etapas. Todos eles dirigidos pelo Pe. Adriano Peghetti. A primeira etapa teve lugar de 2 de maio a 14 de junho, no Colégio das Sacramentinas, em Garcia, tendo por assunto a **Teologia da Vida Religiosa.** A segunda etapa será realizada no mesmo local, com data prevista para 18 de setembro a 20 de outubro, sob o tema: **Princípios Básicos da Vida Cristã.** A etapa final consistirá num Retiro Espiritual, de 30 de novembro a 10 de dezembro, tendo por local o Convento Dom Amando.

Curso para Formadores. A primeira etapa já foi realizada. Versou sobre a Antropologia Cristã. O tema foi abordado pelos Frei Antônio Carlos, Ir. Conceição Pinheiro, Prof. Conceição Ribeiro e Profa. Ruth Vieira. O curso deu-se no Centro de Treinamento dos Franciscanos. Além de formadores participaram Superiores Maiores e Locais. Além deste Curso, a Regional promove o encontro mensal dos formadores. Levou a efeito dois cursos de Conscientização Vocacional para vocacionados de ambos os sexos para jovens a partir de 20 anos. Neste mesmo sentido aconteceram dias de oração para jovens.

Retiro de opção para vida. Será animado pelo Pe. Adriano Peghetti destinado para moças. Realizar-se-á de 18 a 23 de julho na Casa de Retiro dos Jesuítas, em Mar Grande.

Datas de Retiro. De 10 a 15 de julho foi orientado pelo Pe. Alfredo Kuntz. De 17 a 22 de julho, pelo Frei Aloísio. De 24 a 30 de julho

pelo Frei Angelino Feitosa. Foram realizados no Convento Dom Amando. Há outros retiros marcados com data de 5 a 11 de dezembro. Todos estes terão por local Mar Grande e serão orientados pelo Pe. Cardenal. As inscrições para estes retiros podem ser feitos na Sede da CRB Regional de Salvador.

Mês das Vocações. O tema de promoção vocacional deste ano é: TRANSFORME SEU MUNDO. Foram elaborados subsídios para as escolas, para os movimentos leigos, para pregações, e para serem veiculados pelos jornais, rádios e TV. Para divulgar o tema escolhido foram confeccionados cartazes e cartões.

REGIONAL DE BELO HORIZONTE

Formação. A Diretoria depois de ter tomado conhecimento de todos os projetos da área de formação de 78 fez um encontro com os Formadores para planejar as atividades. Esta reunião contou com a presença de 36 formadores de 23 Congregações. No tocante a formação inicial a Diretoria Regional exigiu que os respectivos Formadores acompanhem seus formandos durante todo o tempo da experiência intercongregacional para que nos casos haja continuidade do trabalho iniciado. O Noviciado conta com 86 participantes, o Juniorato com 50 e o Postulantado com 90.

Contemplativas. Funciona sistematicamente, com uma reunião mensal, realizada em um dos Conventos da Região. Visa uma troca de esperiências e o aprofundamento na reflexão, no específico das Ordens Contemplativas.

Curso de Comunicação. Realizou-se em duas etapas com duração de 25 horas, com o objetivo de proporcionar aos Religiosos noções sobre Comunicação Humana, Comunidades. Foram abordados estes temas pelo Pe. Nereu de Castro Teixeira: Reflexão sobre Pastoral, Modelos de Comunicação na Igreja, Imagem e Comunicação.

Equipe de reflexão teológica. Funciona mensalmente com estes objetivos específicos: 1. Reflexão sobre a Vida Religiosa. 2. Elaborar subsídios para as Comunidades Religiosas da Regional. 3. Analisar os conteúdos dos diversos cursos e serem ministrados na Regional. São membros da Equipe: Pe. Félix Valenzuela, Coordenador; Frei Bernardino Leers; OFM; Pe. João Duque dos Reis, SDB; Ir. Elza Marquez, MJC; Pe. Roberto Peña, SJ; Pe. Rogério Cunha, SDB; Ir. Maura Marques, DO; Pe. Cleto Calimam, SDB, Ir. Mercedes Viana, CF.

REGIONAL DO PARANÁ

Dados gerais. A Regional da CRB, Paraná, Sul II, criada em 1º de maio de 1956, abrange o Estado do Paraná, com uma superfície de 200 quilômetros quadrados, e uma população em cerca de 10 milhões de habitantes. A Regional Sul II é constituída por duas Províncias Eclesiásticas com Sede Metropolitana

em Curitiba e Londrina. A Província Eclesiástica de Curitiba tem sete Dioceses e uma Eparquia Apostólica Ucraniana. A Província Eclesiástica de Londrina tem oito Dioceses.

Dados estatísticos. Religiosos: 4.115. Religiosas: 3.173. Religiosos: 942. Sacerdotes: 789. Irmãos: 153. **Congregações:** Femininas: 98. Masculinas: 46. Comunidades: 743. Femininas: 422. Masculinas: 321.

Casas provinciais ou regionais. 47. Femininas: 32. Masculinas: 15.

Casas contemplativas. 7. Femininas: 6. Masculinas: 1. **Casas de Formação:** Seminários: 68. Maior: 21. Menor: 47. Noviciados: 39. Femininos: 25. Masculinos: 14.

Equipe de reflexão. Pe. Luiz Garcia, SSCC; Ir. Rosa Ada Morelli, FSJ; Frei Antônio Venturolli, OSM; Pe. Francisco Muchiutti, SAC; Pe. José May, CSSR; Pe. João Batista Erittu, OSJ; Ir. Luiz Artigas, FMS; Ir. Maria Ferreira, SA; Pe. Pedro Sallet, SJ.

Equipe de Formação. Pe. Tomaz Hugles, SVD; Ir. Marlene T. Rosa, FC; Ir. Rosarita Wibbelr, DP; Ir. Maria André Bonato, SL; Frei Mário Cárdiga, OSM; Ir. Maria Augusta França, CP; Ir. Maria Lopez Otero, CCV.

Equipe de Oração. Ir. Thereza Paulin, ACJ; Ir. Ancila Concat, DP; Pe. Ênio da Paz, CM; Ir. Maria Ivone Ursi, FSP; Pe. Mário Andrzejewski, CM; Pe. Mário Sésio, OSJ; Frei Paulo Mendes, OC.

Equipe Pastoral Vocacional. Coordenador: Irmão Arno Bonfleur, FSC; (mais representantes religiosos, clero secular e leigos).

Encontro de Formadores. O V Encontro dos Formadores e Animadores de Comunidades Religiosas realizou-se em Curitiba, de 3 a 7 de abril. Participaram 58 religiosos, entre estes, 13 sacerdotes. A Ir. Martha Valiera, das Irmãs de São José de Chambéry, coordenou o encontro, levando os participantes à reflexão na linha da integração do homem, unidade do ser, e na conquista do verdadeiro espírito de fraternidade evangélica.

Assembléia dos Religiosos. No dia 28 de maio, os setores Comunicação, no Seminário dos Padres Basilianos, e Amizade, no Colégio Divina Providência, realizaram, suas reuniões mensais com a presença da Vice-Presidente da CRB, Ir. Teresinha Remonato, e da Secretária Executiva, Ir. Maria Augusta França. No encontro foi apresentado aos religiosos o histórico da Conferência dos Religiosos do Brasil, em especial da CRB/PR.

Documento de Puebla. A Equipe de Reflexão Teológica prestou seus serviços em vários encontros de Religiosos, refletindo sobre a III Conferência do Episcopado Latino-americano. A síntese das Reflexões foi encaminhada ao Arcebispo Dom Pedro Fedalto e foi a contribuição dos Religiosos do Paraná na Assembléia de Itaici, de 18 a 25 de abril.

Curso de espiritualidade. Para os religiosos veteranos é uma iniciativa que já conseguiu bons resultados em outros Estados. O Curso destina-se aos religiosos com mais de 20

anos de Profissão Religiosa hoje, e a renovação comunitária e pessoal.

O curso tem duas etapas: A primeira foi de 29 de maio a 3 de junho, com a seguinte programação: **O Mistério da Pessoa.** 1. Relação Interpessoal. 2. Pedagogia das Relações. 3. Relacionamento de Cristo. **O Mistério da Fraternidade:** a) O grupo e seus membros. b) Aspectos prioritários da fraternidade. c) Sociedade, Comunidade e Fraternidade. d) Vocação Comunitária. e) Vocação Fraterna. f) Vida Evangélica. O curso realizou-se no Provincialado das Irmãs da Divina Providência. A Segunda etapa do Curso terá lugar nos dias 23 a 28 de outubro. Os temas serão: 1. Oração da Fraternidade. 2. Oração Bíblica. 3. Oração da Escuta.

Mês das Vocações: Foi escolhido como slogan vocacional: JUSTIÇA E TRABALHO, VOCAÇÃO PARA TODOS RUMO À COMUNIDADE. Inspirados na Carta de São Paulo aos (Ef 4,11) serão aprofundados os seguintes temas: Vocação Humana: construir o mundo. Vocação Evangélica: formar comunidade. Vocação Profética: anunciar a justiça. Vocação Apostólica: Viver a Igreja Local. Estes temas foram elaborados para O DOMINGO para os quatro domingos de agosto, acompanhados com os cartazes alusivos.

Para o mês de agosto está previsto pela CRB Regional e a Arquidiocese a inauguração do CENTRO VOCACIONAL, com Biblioteca especializada e material vocacional.

Em preparação ao FESTIVAL VOCACIONAL, a realizar-se no dia 3 de setembro, durante o mês de agosto, haverá por parte dos diversos grupos de jovens na Arquidiocese, visitas e estágios em obras sociais e de promoção humana, para sensibilização dos apelos as suas experiências, por meio de cantos, mensagens vocacionais, filmes, etc. Está se estudando a possibilidade de encerrar o dia com a encenação CRISTIFICAÇÃO DO UNIVERSO, de Roberto Malvezzi.

REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Noviciado Intercongregacional. Realiza-se na CRB-RS, em Porto Alegre. Conta este ano com mais de 100 alunos, provenientes de 15 diferentes congregações. Funcionando segundas e quintas à tarde para o segundo ano com 55 alunos e terças para o primeiro ano com 53 alunos, o curso é orientado pelo Pe. Ângelo Costa e pelas Irmãs Santina Perin e Lourdes Castagna. No primeiro semestre, os alunos do primeiro ano tiveram aulas de Formação da Personalidade à Vida Religiosa com o Ir. Alfredo Crestani, FMS e Liturgia com a Ir. Pierina Lorenzoni, MJC. Os do segundo ano tiveram 4 cadeiras: História da Igreja, com Frei Carlos Zagonel; Teologia da Vida Religiosa, com o Pe. Ângelo Dall'Alba; Teologia Moral, com o Pe. Egon Stroehr; e Sagrada Escritura, com o Frei Luiz Carlos Susin.

As congregações que mandam seus noviços ao curso são os Jesuítas, os Josefinos e os Carmelitas e as Irmãs de Notre Dame, de Santa Catarina, da Divina Providência, do Imaculado Coração de Maria, de Santa Teresa de Jesus, de N. Sra. do Horto, as Franciscanas de N. S. Aparecida, as Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã e as Franciscanas Bernardinas, as Salesianas, as Filhas do Sagrado Coração de Jesus, as Palotinas, as Escolares de Nossa Senhora, as Servas de Maria Imaculada e as Ministras dos Enfermos.

Mês das Vocações. O mês vocacional a celebrar-se em agosto, quer desenvolver uma viva consciência a respeito dos diversos ministérios e serviços na Igreja.

O esforço conjunto das Equipes Regionais da CNBB e CRB, acrescido pela participação da base, preparou amplo material com o objetivo de atingir todos os grupos eclesiais. Para tal finalidade foram preparados: cartaz vocacional, cartões com oração pelas vocações e caderno vocacional com catequeses, liturgias e reflexões referentes ao enfoque dado a cada semana do mês. A primeira semana promove o sacerdócio católico, a segunda o pai cristão, a terceira o religioso e a quarta semana os diversos ministérios ordenados e instituídos.

O acento central deste ano 1978 está na formação do vocacionado, baseado no slogan do cartaz: MESTRE, ONDE MORAS? VINDE E VEDE.

REGIONAL DE BELÉM

Com a elevação da Ir. Evanete de Azevedo ao Cargo da Diretoria, a Regional por longo tempo, esteve sem Secretária Executiva. Este cargo acaba sendo assumido pela Ir. Maria Zilma Leopoldo Feitosa.

Junioristas. Reúnem-se periodicamente no Colégio Gentil Bittencourt. O estudo do primeiro encontro foi sobre as Escolas Católicas, sob a orientação do Ir. André.

Cursos. Em fins de abril, o Ir. Nery, do Instituto Abel de Niterói, RJ, ministrou, no Colégio Nazaré, um curso sobre Renovação Catequética. De 29 de maio a 1º de junho, o Prof. Antonio Puhl deu um Curso sobre o Processo Ensino-Aprendizagem.

REGIONAL DE MATO GROSSO

Com sede em Campo Grande, esta Regional conta com nova Secretária Executiva na pessoa da Ir. Francisca Gomes de Santana, FMA, em substituição da Ir. Teresa Marangoni.

Atividades programadas. Em nível de coordenação a Regional se propôs para 1978: Realizar reuniões mensais da Diretoria, nas primeiras quintas-feiras. Realizou dois encontros de Coordenadores de Núcleos, um no Mato Grosso do Norte e outro no Mato Grosso do Sul. A Assembléia Geral Ordinária está prevista de 30 de outubro a 1º de novembro. Promover encontros men-

sais de religiosos dos 7 núcleos. Fazer visitas às Comunidades Religiosas pela Secretária Executiva e membros da Diretoria.

Em nível de Espiritualidade e Formação, a Regional promoverá: O Noviciado Intercongregacional, em Campo Grande, com dois dias de aulas semanais, durante o ano; Retiros Intercongregacionais, de 14 a 19 de agosto, pelo Pe. Urbano Plentz; de 26 a 30 de setembro pelo Pe. Cardenal; Curso de Oração e Psicologia, para Coordenadores de Comunidades, em Diamantino, orientado pelo Pe. Oscar Müller, SJ; Curso de Psicologia da Vida Religiosa em Cuiabá; Retiro de Oração, Pe. Agostinho.

Na área de Pastoral o programa é o seguinte: Curso de Coordenadores de Catequese, de 18 a 22 de agosto pelo Frei Almir Guimarães, OFM; Encontro sobre Pastoral de Saúde. Encontro Vocacional, no Norte e no Sul. Encontro de Pastoral em Diamantino; Encontro-Diálogo pelo Pe. Valdemar Conceição. Encontro CRB e AEC. Encontro sobre Pastoral da Terra. Formação de Catequistas Paroquiais para Pré-Eucaristia, em Campo Grande.

REGIONAL DE SANTA CATARINA

Cursos. No provincialado Coração de Jesus das Irmãs da Divina Providência em Florianópolis, realizou-se de 31 de maio a 2 de junho o curso de Geriatria e Gerontologia Básica. Destinou-se aos responsáveis pelo trabalho junto aos idosos, e interessados que trabalham em obras específicas. Num primeiro passo o curso visou mentalizar os participantes quanto a importância do trabalho junto aos idosos, em vista de um melhor conhecimento desta faixa etária para atendimento adequado.

Os temas abordados foram: 1. Geriatria e Gerontologia: sua importância no mundo atual. 2. Envelhecimento da Mulher. 3. Recreio e terapia ocupacional, pelo Dr. Jarbas J. Ávila. 4. Apreciações Gerais no tratamento do Idoso, pelo Dr. Guilherme Godoy. 5. Preparação para Morte, pelo Pastor William e Dona Edite. 6. Espiritualidade do Idoso pelo Pe. Pedro Koehler.

Pastoral da Saúde. De 2 a 4 de julho no Provincialado do Coração de Jesus, em Florianópolis, a CRB/SC programou o Curso de Pastoral da Saúde, como o objetivo de preparar espiritual e pastoralmente religiosas e leigos com atuação nesta área. Os temas do curso foram desenvolvidos pelo Pe. Júlio Munaro, MI, do GTS/CRB/Nacional.

Seminário. Tendo por local o Provincialado do Sagrado Coração de Jesus, em Florianópolis, o Grupo de Trabalho da Saúde da CRB/SC realizará de 21 a 26 de agosto o I Seminário Regional da Saúde. O Encontro será orientado pelo GTS-CRB/Nacional e Regional; e por explicitadores devidamente qualificados. Serão estes os temas centrais do Seminário: 1. Ser do Religioso frente aos novos enfoques da Saúde, hoje. 2. Realidade Brasileira.

3. Novos enfoques e novas prioridades da saúde, hoje. 4. Igreja Particular-Comunidades Eclesiais de Base. Planejamento e Revisão. É destinado a pessoas com capacidade de coordenar e animar a Pastoral da Saúde, nas dioceses e conseqüentemente integrar o GTS, em esfera diocesana.

Mês das Vocações. Para incrementar a promoção vocacional em Santa Catarina foram tomadas as seguintes medidas: 1. Oficialmente foi assumida a SEMANA VOCACIONAL, de 20 a 27 de agosto. 2. Mentalização intensa dos responsáveis pela Pastoral Vocacional nas dioceses, envolvendo sempre a CNBB e a CRB, em torno de diversos aspectos: importância da Semana Vocacional; material a ser usado: subsídios próprios para grupos de reflexão ou de base, escolas, homilias, grupos de jovens; aproveitamento dos M.C.S. 3. A partir disso, cada diocese, de acordo com a realidade concreta, fará sua própria programação. 4. Está sendo confeccionado um cartaz vocacional a ser divulgado em toda a Regional.

Revivendo 75 anos de presença

A **Congregação da Missão** foi fundada na França, em 25 de janeiro de 1625, por São Vicente de Paulo. Seu reconhecimento oficial pela Santa Sé deu-se aos 13 de janeiro de 1633, através da Bula Papal Salvatoris Nostri de Urbano VIII. A sua finalidade é a evangelização dos pobres, principalmente os do campo, além das Missões Populares e a Formação do Clero. No dia 29 de junho de 1903, chegaram em Paranaguá, os quatro primeiros missionários vicentinos provenientes da Polônia. No dia 4 de julho instalaram-se em Tomás Coelho, município de Araucária, Paraná.

A Província Brasileira do Sul dos Padres Vicentinos, cujo nome oficial é Congregação da Missão Província do Sul, conta hoje com 2 Bispos; 72 Padres; 3 Irmãos; 32 Estudantes de Teologia; 62 Estudantes de Filosofia e 110 seminaristas menores. A Província se estende pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Suas atividades são: Paróquias, Missões Populares, Seminários, Meios de Comunicação Social, Obras de Assistência e Promoção Humana, Coordenação de Movimentos Religiosos, Pastorais Especiais: Rural, Rodoviária, Militar, Excepcionais.

TRANSFORMAÇÃO DE UMA OBRA NUMA GRANDE METRÓPOLE

Vive-se um período de infância de novas organizações populares. A voz sem justiça começa a ser desafiada. Coexistem hoje na Grande Cidade, cidade dos homens, o silêncio cúmplice dos que se satisfazem com o status vigente e o rumor surdo dos que se movimentam nos porões da liberdade. A criança é frágil mas exuberante em energia. De nosso engajamento em assumir sua educação dependerá o valor do Homem Novo e da nova época que criaremos.

Ir. Yolanda Setubal, CSA
São Paulo, SP

Introdução

O Instituto "Sedes Sapientiae", de São Paulo, SP, foi fundado em 1933, pela Congregação das Cônegas de Santo Agostinho. Primeira Faculdade de Filosofia do Brasil, foi criado tendo em vista a libertação da mulher, na linha educacional da Congregação.

Com o correr do tempo, as responsáveis pela Faculdade se questionaram sobre a validade da sua atuação que, cada vez mais, era absorvida pelo peso da estrutura administrativa e financeira. Além disso, os objetivos do ensino universitário no nosso país não coincidiam totalmente com os que a Congregação se propunha.

Em 1970, uma exigência do Ministério da Educação, obrigando a todas as Faculdades a se integrarem a uma Universidade, levantou a última da série de questões que vinham preocupando as responsáveis pela Faculdade. A Congregação, então, coerente com a sua visão do mundo e pretendendo favorecer a ampliação do campo de atuação educacional a ser proposto às Irmãs, decidiu doar à Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo todos os prédios e equipamentos da

Faculdade "Sedes Sapientiae", arcando aquela com as obrigações trabalhistas de seus professores e funcionários. Nessa ocasião, as responsáveis pela Congregação decidiram conservar, apenas, a Clínica Psicológica, que oferecia cursos de pós-graduação em Psicologia e atendimento gratuito à população, nesse campo. Através de um convênio, a PUC encaminhou, a partir de 1970 seus alunos para a Clínica.

Pouco a pouco, se delineou um novo passo: acumulando sua longa experiência de serviços prestados à comunidade, foi possível fazer um projeto mais audacioso: a criação de um Instituto, desvinculado da legislação universitária, oferecendo à população serviços em vários ramos do saber, ligados a cursos regulares ou intensivos e à pesquisa e estudo. Desligada da PUC, a Clínica Psicológica, durante o ano de 1975, refletiu sobre esse projeto, no ano de 1976 deu os primeiros passos e em 1977 criou o Instituto "Sedes Sapientiae". Fiel às suas origens, ampliando não só seu âmbito de ação, mas sua visão, o Instituto "Sedes Sapientiae" deseja ser a sede da Sabedoria Daquele que tendo criado o mundo de homens, criou um mundo para todos os homens.

I — REALIDADE SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICA

1. Universo Social

1.1. Características da população da região.

A universo social em que se insere a atuação do Instituto "Sedes Sapientiae" é a cidade de São Paulo marcada fundamentalmente pelos contrastes abruptos que distanciam e opõem bairros luxuosos e favelas miseráveis. Terra de contradições, São Paulo é a metrópole que apresenta o quadro mais nítido da desigualdade social que se estende pelo restante do território nacional.

Se é verdade que há regiões de mais profunda miséria — o sertão do Nordeste, por exemplo, — é indiscutível que em nenhum outro local se evidencia com tanta clareza o choque alarmante entre as condições das diferentes classes e segmentos sociais. É também terra de riquezas, de belas e modernas avenidas, arranha-céus atrevidos desafiando o espaço cinzento, linhas do metrô mergulhando no chão argiloso ou decolando sobre os telhados do casario, conjuntos hoteleiros de categoria internacional, clubes elegantes, computadores eletrônicos, salão do automóvel...

1.2. População

Quantos habitantes povoam a Grande São Paulo? Ninguém arrisca responder com precisão. A maioria dos estudiosos aponta a cifra dos doze milhões como número mais provável. O censo de 1970 indicava que 52,5% da população não eram nascidos na megápole, o que comprova seu caráter de "terra de migrantes".

1.3. Tipos de moradia

Próximo ao Jóquei Clube, poluindo a paisagem visual das maravilhosas mansões do Morumbi, estendem-se os 200 casebres que compõem uma favela ironicamente chamada "Jardim Panorama". A ironia continua presente na denominação de outra grande favela — a "Ordem e Progresso" — que enfeia o horizonte de quem desliza pelas 4 pistas da marginal do rio Tietê ou se diverte na descomunal roda-gigante do Play-Center. Ainda se encontram restos de uma enorme favela que se encrava teimosamente no coração do Brooklin, assustando os visitantes que desciam em Congonhas, e que foi removida à força.

Enfim, toda a cidade poderia ser radiografada, do alto, como dois círculos concêntricos, não muito precisos geometricamente: a) um centro compacto de concreto, que aglutina à sua volta todos os recursos imagináveis na moderna civilização ocidental, abrangendo também a ostentação dos palacetes burgueses e de uma poderosa classe média que ocupa bairros e bairros; b) uma periferia carente de infraestrutura básica, onde habitam os baixos salários e onde freqüentemente o nível de vida não permanece compatível com a dignidade da pessoa humana. Aí residem os operários da indústria, os biscateiros, os desempregados, os faxineiros, os carregadores de saco, os motoristas, os trabalhadores do comércio pobre e o baixo funcionalismo. Aí vive a marginalidade urbana e as correntes de migrantes expulsos da área rural pelo latifundio e pela seca.

O problema da habitação é grave. Além dos **130 mil favelados,** São Paulo apresenta **615 mil moradores de cortiço e 1,8 milhões residem em casas precárias na periferia.** Os aluguéis, mesmo nos cortiços, chegam a ser assustadores: em bairros situados a duas horas do centro da cidade (por ônibus) encontram-se casas com 2 dormitórios alugadas por mais de Cr$ 2.000,00. Nesse quadro agem as imobiliárias, cada vez mais proliferantes na periferia e atuando como estilo assemelhado ao estelionato criminoso. Manipulando o sonho sempre presente da casa própria, ofertam um lote de 10 metros por 25, ao preço de 200 ou 300 mil cruzeiros, pagáveis em 10 ou 20 anos. Os compradores acorrem em massa, buscando redimir-se dos aluguéis extorsivos. Compram o terreno e conseguem saldar — a duras penas — as prestações de 10 ou 12 meses. De repente, um problema de saúde, a demissão coletiva na fábrica, a morte de um filho que ajudava no orçamento da casa impede a continuidade nos pagamentos; uma ação judicial sumária restitui o lote à imobiliária, sem qualquer ressarcimento pelas prestações já pagas. Outras vezes, o aspirante ao reino da casa própria consegue vingar o cume da montanha e lá descobre o caráter ilegal do loteamento, quando não acontece o fato mais grave de os vendedores não serem na realidade os donos da terra adquirida.

Também a pequena — burguesia abastada das zonas mais centrais vem enfrentando o fantasma da especulação imobiliária, onde os aluguéis já excedem com frequência a marca dos 5.000 cruzeiros mensais.

O BNH optou definitivamente pelo financiamento à construção de residência para quem já possuía certas condições de construir por conta própria. Pouco fogem disso os organismos como CECAP, INOCOOP e COHAB. De modo geral, a relação indivíduo/cômodo das residências equivalente à metade do índice recomendável, acontecendo regularmente situações em que a prole numerosa se amontoa no mesmo cubículo em que dormem pai e mãe.

1.4. Infra-estrutura básica

No que respeita à infra-estrutura básica, levantamentos recentes indicam dados como: apenas 30% dos domicílios são servidos pela rede de esgotos e 53% pela de água; dos 8 mil quilômetros de ruas, apenas 40% são pavimentadas; 489 mil habitantes moram em locais desprovidos de iluminação elétrica. Cotejando resultados de uma pesquisa de 1968 que apontava 52,4% dos domicílios como desprovidos de água e 41,3% de esgoto, pode-se concluir que a situação vem se agravando nos últimos anos. Particularmente na periferia, onde somente 20% das casas têm rede de esgotos e 46% de água.

1.5. Situação de emprego e desemprego

Difícil também é apontar a taxa atual de desemprego, posto que sua variação conjuntural desestabiliza os registros burocráticos que poderiam servir como fontes. Não seria ousado estimar-se uma taxa de 10%, que poderia estar ainda acrescida, devido a medidas de desaceleração econômica recentemente determinadas pelo governo federal. Quanto à força de trabalho ativa, calcula-se que 12,5% são trabalhadores autônomos, uns 10% são ocupados com o setor público, 1,6% são pessoas da família que trabalham para o próprio pai e 76% estão vinculados a unidades produtivas, quadro esse que já demonstra a condição de forte centro industrial da cidade.

1.6. Salário

No alicerce de todos os problemas enfrentados pelo povo trabalhador, atingindo a medula do próprio sistema capitalista e do modelo econômico vigente no Brasil, está a questão dos salários. Se o modo capitalista de produção já consiste em pagar ao operário apenas uma parte da riqueza que ele produziu, é preciso acrescentar que os governos militares que se sucedem desde 1964 escolheram o caminho de um desenvolvimento econômico que fosse sustentado exatamente pelos que ganham menos, ou seja, pagar a quem produz, uma parte ainda menor do valor do produto. Em outras palavras: apertar os salários, arrochar os salários. Se conseguiu o desenvolvimento pretendido, isso é uma outra discussão que não caberia aqui. Mas é evidente que conseguiu resultados como os seguintes, para a região metropolitana de São Paulo:

19% dos empregados ganham até **um** salário mínimo mensal.
54% ganham até **dois.**
75% ganham menos de **três.**

Ou seja, 75% dos trabalhadores da Grande São Paulo ganham salários inferiores à marca dos ..... Cr$ 3.500,00, dos quais serão efetuados alguns descontos que chegam perto de 10%.

1.7. Transporte

Dificuldade sempre referida pelos moradores da periferia é o problema dos transportes urbanos, onde o paulistano passa boa parte de sua vida, na manhã que o leva sem entusiasmo ao trabalho difícil, ou no crepúsculo que o traz de volta a um lar de atrativos modestos. Acontece muitas vezes de um trabalhador aguardar uma hora no ponto de ônibus, vendo passar os coletivos que sequer param ou nos quais é impossível subir, até resolver-se a retornar a casa, entendendo que a firma já não aceitará sua chegada com atraso sem descontar o próprio dia de trabalho. Os trens urbanos são tão precários nos momentos do pico, que os jornais periodicamente anunciam tumultos da população que destrói composições inteiras em revolta contra o atendimento que lhe é destinado.

1.8. Saúde e Nutrição

Desse baixo rendimento nasce a subnutrição. O arrocho salarial significa reajustar o salário, a cada ano, seguindo taxas inferiores à inflação verificada no período. Resultado: embora o salário aumente em número, é cada vez menor a quantidade de gêneros que podem ser adquiridos com o mesmo trabalho. Resultado subseqüente: cai dramaticamente o nível nutricional da maioria da população; alimentos como carne, leite, laticínios e frutas desaparecem gradualmente das mesas que se empobrecem. Levando-se em conta a íntima relação existente entre saúde e nutrição, a decorrência mediata será a péssima situação sanitária do povo, fato que pode ser revelado por um indicador preciso: a mortalidade infantil. Nos últimos 13 anos a taxa de mortalidade infantil (crianças mortas antes de completar um ano) cresceu 45% em São Paulo, estando atualmente em torno de 100 óbitos por 1000 nascidos. Além disso, cerca de 70% das moléstias são tidas como resultantes das precárias condições alimentares ou de higiene, ambas decorrentes dos baixos rendimentos salariais. Não se pratica quase nenhuma espécie de medicina preventiva ou comunitária, limitando-se a primeira aos poucos postos de saúde e puericultura que desenvolvem as campanhas de vacinação. A medicina curativa praticada pelo INPS freqüentemente se restringe a uma atenção paliativa e, assim mesmo, são enormes filas para atendimento, fazendo freqüentes as mortes dos segurados durante a espera, e até mesmo revoltas violentas da multidão que se comprime à porta das agências.

Lembrando no entanto que São Paulo é terra de contrastes, fica importante registrar que determinadas parcelas da população tem acesso a um nível alimentar requintado. Tais elites contam com modernos hospitais que nada perdem quando comparados aos grandes centros internacionais de saúde. No conjunto hospitalar da Universidade de São

Paulo, para citar um exemplo, foi construído um elegante edifício de vários pavimentos, destinado exclusivamente às cirurgias cardíacas de alta sofisticação (transplantes e implantes), favorecendo uma parcela íntima de enfermos, em detrimento de uma população que em sua quase totalidade carece de cuidados médicos mais elementares.

1.9. Educação

No que toca à educação, o panorama é igualmente contraditório: colégios particulares muito bem instalados para filhos da burguesia coexistem com escolas oficiais pessimamente aparelhadas onde a orientação recente vem sendo a aprovação de todos os alunos, qualquer que seja o nível de aproveitamento. Uma rede mais ou menos extensa de escolas públicas cria uma falsa aparência democrática de acesso aos bancos escolares. Contingentes importantes de crianças, na realidade, não conseguem atingir as escolas (e principalmente permanecer nelas), premidas por dificuldades que as impelem ao trabalho infantil ou a tomar conta do lar enquanto pai e mãe se completam na tentativa de assegurar um orçamento doméstico que viabilize a existência. Na cidade de São Paulo, segundo resultados novíssimos do último censo escolar, 44% das crianças com 7 anos não freqüentam escolas. Além disso, é nítido o afunilamento que se observa conforme se progride nas séries escolares. As universidades conseguem chegar tão somente 1% dos que um dia começaram seus estudos.

1.10. Lazer

Embora a grande cidade ofereça em tese as mais abundantes opções de lazer, com seus teatros, cinemas, jogos, parques, são pouquíssimas as oportunidades de realizá-lo de forma gratuita. Isso faz com que a televisão apareça de forma cada vez mais assustadora como exclusivo sistema de "lazer" do povo trabalhador. Uma poupança quase milagrosa e subtraída à própria alimentação possibilita a compra do aparelho que será o companheiro de todas as noites com as sucessivas novelas embotadoras da consciência. No fim de semana a voz de Sílvio Santos ou Chacrinha distrairão a atenção dos que trabalham a semana inteira, com amenidades sempre carregadas de poderosa carga ideológica alienante. Em lentos processos de intoxicação, a TV vai aos poucos moldando a mentalidade do oprimido aos valores ideológicos do opressor. Resta ainda, como lazer de massa, o acesso ao futebol, onde alguns cruzeiros pagos na bilheteria poderão mostrar seu time obtendo no gramado a vitória que o torcedor não conquista na vida real. Ou então as caminhadas em dois ou três locais (Ibirapuera, Parque do Carmo, Horto Florestal), onde o povo de São Paulo pode recompor um pouco da energia consumida pela máquina que nunca pára. Muito pouco para 12 milhões de pessoas. Tão pouco, que os próprios governantes perceberam a dimensão do problema, gerando então o projeto acanhado das "ruas de lazer", muito aquém das reais necessidades de um povo que tem direito ao repouso e à diversão.

1.11. Arte Popular

As manifestações de arte popular espontânea são raríssimas na atualidade, praticamente inexistindo tradições folclóricas de importância. As festas típicas são características locais de alguns poucos bairros e, assim mesmo, não se comparam em valor cultural aos costumes de outras regiões do país.

1.12. Crenças

A profunda religiosidade do povo brasileiro se evidencia também em São Paulo, sendo indesmentível que determinados ritos pentecostalistas e de umbanda vêm penetrando em ritmo considerável nas zonas periféricas, ocupando um vácuo que só recentemente a Igreja renovada tem deixado de criar. Onde esta se identifica com o sofrimento e a luta do povo, procurando orientar-lhe a caminhada, decresce a significação dos ritos que proliferam em outros lugares.

2. Situação sócio-político-econômica

2.1. Produções econômicas predominantes

Ainda caracterizando a comunidade em que atua o Instituto "Sedes Sapientiae", é necessário frisar que São Paulo é o mais vital centro da economia brasileira, concentrando perto de 40% da renda interna do país, ao mesmo tempo em que retém 44% do capital ativo nacional, fato que explica a relativa depauperação de outros Estados mediante um claro efeito de escoamento. Principal parque industrial da América Latina, a cidade apresenta bairros inteiros ocupados por chaminés que tornam praticamente irrespirável o ar da localidade. Tal é o caso da conhecida poluição de Perus, com os resíduos de cimento; de São Miguel Paulista, com a Nitriquímica exalando permanentemente odores insuportáveis; e de muitas áreas do ABC. É de reduzida importância econômico-social a área rural dos municípios que integram a Grande São Paulo, o que torna relativamente secundário o estudo dos que aqui trabalham na terra, quase sempre vinculados ao setor horti-fruti-granjeiro.

2.2. Quem ganha mais?

O leque de salários na região é de uma amplitude tão vasta que dificulta inclusive a aquisição de dados. Com alguma freqüência a imprensa anuncia a condição de executivos que auferem rendimentos mensais superiores a um milhão de cruzeiros. No outro pólo, como já se registrou acima, 75% dos que trabalham ganham abaixo dos 3 salários mínimos regionais.

2.3. Mudanças recentes em relação à produção

O que se poderia chamar de medida recente em relação à produção é conjunto de diretrizes fixadas pelo governo no último ano com a finalidade de conter um ritmo inflacionário que ameaçava a credibilidade mundial de um país que tem no endividamento externo a pedra angular de sua sustentação econômica. Com objetivo de "desacelerar a economia" foi restringido o crédito ban-

cário para compra de bens duráveis, foram limitadas importações de insumos básicos e os combustíveis derivados de petróleo tiveram seus preços enormemente acrescidos. Como era de se prever, o ônus fundamental de tais medidas recaiu mais uma vez sobre os ombros operários. Para não abalar o montante dos lucros anuais, as empresas recorreram à solução cômoda das demissões coletivas. Só na indústria automobilística — considerada o carro-chefe da indústria nacional — calculam-se em milhares as demissões levadas a efeito nos primeiros meses de 1977. Numa região em que os salários da indústria — apesar de baixos — são vistos com inveja pelos contingentes de sub-empregados que não conseguem alçar à categoria de "registrados em carteira", é fácil prever os desdobramentos sociais desses acontecimentos.

3. Participação do povo

Na região da Grande São Paulo, deve-se frisar, antes de tudo, as dificuldades gigantescas que o regime político implantado em abril de 1964 vem opondo às mais simples formas de participação popular. Essa característica geral começa com as grandes devassas executadas nos primeiros meses do novo regime e completadas em dezembro de 1968, continua através de toda uma legislação de exceção que indexou um rol imenso de proibições, chega à prática ilimitada das prisões e torturas, chegando a numerosos casos comprovados de assassinatos cruéis. Inevitavelmente, toda essa enxurrada conseguiu levar a população a uma situação de profundo amedrontamento e, por muito tempo, as atividades de organização e resistência do povo limitaram-se a um nível quase nulo.

Nos últimos 3 anos começa a se desenrolar um fértil movimento de retomada dessas atividades. Nascem entidades de base nas zonas periféricas; as Sociedades Amigos de Bairro voltam a posicionar-se na defesa de reivindicações populares; reorganizam-se ativas oposições sindicais que pressionam os dirigentes "pelegos" que venham transformando o sindicato num mero organismo assistencial; a atuação engajada da Igreja na periferia vem impulsionando a criação de Clubes de Mães para reivindicar creches públicas e lutar contra o aumento dos preços; são formadas Comissões de Custo de Vida para denunciar e combater o aviltamento dos salários frente aos preços sempre ascendentes; formam-se Centros de Direitos Humanos em diferentes bairros; estruturam-se grupos de advogados e moradores de bairro para tentar a legalização dos loteamentos clandestinos e combater os grileiros da cidade. Enfim, todo um fluxo de entidades de base vem brotando nos últimos tempos, e embora sua estrutura seja ainda consideravelmente frágil, é inequívoco o vigor de seu crescimento recente.

4. Relacionamento com a sociedade global

Também na área mais central, numerosos segmentos das classes médias vêm somar sua voz à luta dos oprimidos. O clamor fundamental que se ergue é a exigência de Democracia. Mulheres organizam-se

em luta pela Anistia; mães reúnem-se para expressar solidariedade aos estudantes espancados nas ruas; médicos, arquitetos, professores e bancários recriam entidades capazes de unificar as reivindicações da categoria; a universidade já volta às ruas com o brado de Liberdade.

O quadro necessita ser entendido em sua exata dimensão, sem exageros e sem desdém. Vive-se um período de infância de novas organizações populares. A paz sem justiça começa a ser desafiada — mais uma vez — pelo grito dos que consideram a paz fruto da justiça. Coexistem hoje, na Grande Cidade, cidade dos homens, o silêncio cúmplice dos que se satisfazem com o status vigente, e o rumor surdo dos que se movimentam nos porões da liberdade. A criança é frágil mas exuberante em energia. De nosso engajamento no assumir sua educação dependerá o valor do Homem Novo e da nova época que criaremos.

II — ATUAÇÃO EDUCATIVA

Vivendo no âmago de uma realidade como a descrita no item anterior, vemos como imperativo o empenho enérgico rumo à superação de tão graves injustiças sociais. Não é mais que esse o objetivo básico que nos propomos enquanto **Instituto "Sedes Sapientiae"**.

Se a realidade em que nos inserimos é assustadora, mais alarmante ainda é constatar a inconsciência dos milhões que vivem nela sem opor-lhe a mais superficial das avaliações críticas. Poucos são os que, no plano do pensamento, assumem globalmente a negação da realidade opressora em que vivemos. Menos ainda são os que conseguem transformar uma rejeição teórica em ação prática transformadora, ultrapassando as muralhas do medo e do conformismo.

O **Instituto "Sedes Sapientiae"** pretende constituir-se num instrumento de ação educadora junto à população na luta pela Libertação, ao mesmo tempo em que procurará oferecer aos diversificados setores das disciplinas científicas que acorrem ao Instituto, oportunidade de exercer **visão crítica** cada vez mais aguçada acerca das injustiças que denunciamos. Será instrumento aberto aos numerosos grupos que estejam decididos a assumir essa trilha transformadora, diminuindo as distâncias entre o medo e o compromisso, até chegar à superação da distância que afasta os pólos dos contrastes sociais que analisamos.

Sem limitar-se a uma tomada de consciência meramente teórica da situação, estamos desde o primeiro instante atuando em serviços concretos prestados à população oprimida. Sem negar a água para mitigar a sede imediata, estamos alertas para não confinar nosso trabalho ao assistencialismo estéril que só faz prolongar a vida moribunda de um organismo social que deve morrer para ensejar a ressurreição de

um novo espírito e de uma nova existência.

Somos o resultado de apenas dois anos de vivência de uma nova proposta. É inegável que constituímos hoje um conjunto de idéias — ainda circunscrito a um pequeno grupo dentre todos os que trabalham no Instituto — mais do que um processo prático de aplicação dos projetos firmados no plano da consciência. Mas vimos dando os primeiros passos concretos e colhemos já frutos entusiasmantes. A vastidão do desafio que nos propusemos impõe constante mudança nos métodos de atuação, elegendo formas mais dinâmicas, rejeitando entraves burocráticos que anteriormente nos pareciam indispensáveis, aperfeiçoando o estilo de trabalho, avaliando criticamente cada experiência, avançando.

O importante é ter presente a cada momento — e aqui repetir mais uma vez — a disposição de tomar o homem como princípio, a defesa dos direitos humanos como método e a Libertação como fim.

Esta disposição concretiza-se nos seguintes objetivos do Instituto:

◆ Ser um órgão de questionamento teórico e um instrumento de atuação na sociedade, respondendo às necessidades da comunidade, acessível a todas as classes sociais.

◆ Atuar como um centro de reflexão crítica, aberto aos questionamentos atuais dentro dos padrões de rigor científico exigidos pelo trabalho de ensino e pesquisa, contraponndo-se ao tecnicismo pragmático e imediatista.

◆ Estar atento à compreensão e instauração dos valores que possam acelerar o processo histórico de transformação da sociedade, no compromisso com o homem brasileiro pela justiça social e pelo direito à palavra.

◆ Constituir uma comunidade de pesquisadores e especialistas preocupados com a formação de profissionais capazes de desenvolver uma metodologia de trabalho, que, fugindo, a modelos elitizantes, responda especialmente na prática exigida pelo Instituto, às necessidades das classes economicamente desfavorecidas.

◆ Manter-se desvinculado das estruturas de ensino vigentes e aceitar a proposta da A.I.J.F. de desenvolver um trabalho que não vise lucro e se mantenha dentro das linhas fundamentais de respeito à dignidade da pessoa humana.

Em 1978 propomo-nos a debater estes objetivos e aprofundar seu alcance prático com todos os que trabalham no Instituto, para que nossa atuação corresponda efetivamente às metas visadas.

1. Funcionamento

Nos limites desta notícia, é impossível descrever as atividades dos diversos Centros que compõem o Instituto. Entretanto, a título de exemplo, vamos expor, suscintamente, a atuação de dois serviços que poderão mostrar, concretamente, o que já está realizando o Instituto, na linha de seus objetivos.

1.1. Clínica Psicológica

Em 1977, a Clínica atendeu, em caráter exclusivamente gratuito, a 29.756 consultas, distribuídas pelos seus diferentes setores:

a) SETOR DE TRIAGEM

Constituído por três médicos psiquiatras e seis psicólogos que têm a função de verificar se o caso apresentado é ou não para tratamento psicológico e, em caso positivo, encaminhá-lo ao Setor de Diagnóstico.

b) SETOR DE DIAGNÓSTICO

Nele trabalham 25 psicólogos em regime de tempo parcial. Sua atividade consiste em: entrevistar os pais e professores de alunos de 1º e 2º grau; aplicar testes; manter período de observação na Clínica e, quando necessário, no próprio lar e escola; providenciar exames complementares (médicos, ortofônicos, neurológicos, etc.) Os profissionais que atuam neste setor realizam estudo em equipe dos diferentes casos observados e chegam finalmente a um diagnóstico. Após isso o paciente é encaminhado a outro Serviço da Comunidade (quando necessário) ou permanece em tratamento na Clínica. Neste caso pode ser encaminhado a uma das seguintes áreas terapêuticas:

c) SETOR DE LUDOTERAPIA

São encaminhados à ludoterapia os pré-escolares e escolares com distúrbios psicossomáticos e emocionais tais como: distúrbios da alimentação e de sono; perversões sexuais; birras, ciúmes, medo e ansiedade, dificuldades de aprendizagem; indisciplina...

Para o atendimento destes pacientes a Clínica conta com 27 psicólogos, em regime de tempo parcial.

d) SETOR DE TERAPIA PSICOMOTORA

Para esta área são encaminhados os portadores de distúrbios como: disfunção cerebral mínima; hipercinesias; instabilidade psicomotora; distúrbios de percepção; dificuldades de aprendizagem; dislexia específica de evolução; disgrafias; disortografias e outros distúrbios psicomotores ligados a dificuldades escolares. Nesse setor trabalham 24 psicólogos.

e) SETOR DE PSICOTERAPIA INTERPRETATIVA: individual e grupal

Constituído por 26 psicólogos e voltado para o atendimento de alunos do 2º grau que apresentam alterações como: ansiedade; reações delingüenciais, fobia (principalmente fobia escolar); reações depressivas; síndromes epilépticas; desadaptação escolar...

f) SETOR DE PSICODRAMA

Formado por 18 psicólogos e 6 médicos que atendem adolescentes e pré-adolescentes que na escola apresentem dificuldade de aprendizagem, baixo rendimento, dificuldades de relacionamento familiar, escolar e social, enfim, desajustamentos emocionais e psicossomáticos, com indicação para o tratamento em terapia

psicodramática, em grupos ou individualmente.

g) SETOR DE ORIENTAÇÃO DE PAIS

Este setor é formado por 51 psicólogos e atua seguindo o princípio de que é impossível mudar a criança sem modificação dos pais. Sendo assim, matricula também os pais para sessões de orientação. Os que são capazes de assimilá-la permanecem neste setor, enquanto os casos de resistência à orientação são encaminhados à psicoterapia.

h) SETOR DE PSICOTERAPIA DE PAIS

Destina-se ao tratamento de pais dos pacientes atendidos pela Clínica e que não demonstraram condições de equilíbrio para receberem orientação.

i) SETOR DE ATENDIMENTO MÉDICO

Volta-se para os casos que requerem acompanhamento medicamentoso, exames neurológico e eletroencefalográficos.

1.2. Assessoria Pastoral

Em vista das metas pastorais estabelecidas pela Arquidiocese de São Paulo — destacando-se a prioridade às Comunidades de Base, ao trabalho na periferia e à defesa dos Direitos Humanos, o Instituto Sedes Sapientiae (ISS) procura adequar-se para ser, sempre mais, um serviço à caminhada do povo de Deus. Nesse sentido, o ISS esforça-se, no momento, para ampliar a área de atuação de seu Centro de Educação, a fim de que ele responda às exigências disso que, no trabalho pastoral, concerne à educação popular.

MODALIDADES DE ASSESSORIA

Considerando os trabalhos de base já existentes e as exigências manifestadas até agora, começamos por desempenhar os seguintes trabalhos de assessoria pastoral:

a) Treinamento de agentes de pastoral e de representantes de trabalhos de base, visando uma assessoria permanente a esses grupos.

b) Assessoria a equipes de educação de adultos (alfabetização, madureza, cursos profissionalizantes).

c) Equipe de Educação e Saúde — assessoria à Pastoral de Saúde, tendo em vista a educação popular na linha da saúde.

d) Encontros e seminários para padres, religiosos e leigos em torno de temas relacionados à pastoral popular.

Ano passado promovemos alguns seminários para agentes pastorais. Neste ano iniciamos o trabalho procurando responder à solicitação de setores da periferia, no sentido de realizar treinamentos para o pessoal das Comunidades de Base.

OBJETIVOS

Os treinamentos junto à base, bem como os seminários promovi-

dos em nossa sede, têm como finalidade:

a) Fornecer, aos agentes pastorais e membros das CEBs, elementos fundamentais, na linha das ciências humanas e sociais, para a análise da realidade.

b) Propiciar melhor reflexão, sistematização e aprofundamento da prática local desenvolvida pelos participantes.

c) Estabelecer a ligação entre evangelização e libertação, através de subsídios políticos, econômicos e sociais, dentro dos princípios delineados pelo Plano de Pastoral.

d) Exercitar os agentes e as comunidades na leitura do Evangelho relacionada com o trabalho que desenvolvem (ligação fé e vida).

e) Divulgar elementos de pedagogia e de metodologia que correspondam ao processo de educação popular subjacente ao trabalho pastoral.

Temos tido a preocupação de partir da própria realidade local e das exigências mesmas dos grupos, a fim de evitar qualquer aspecto impositivo que venha comprometer a índole pedagógica da assessoria oferecida. Assim, julgamos fundamental dar continuidade aos serviços prestados, acompanhando as comunidades nos trabalhos que realizam.

Por que a CRB?

Trabalho, faz algum tempo, na Conferência dos Religiosos do Brasil. Pessoas várias em múltiplos quadrantes já me fizeram esta mesma pergunta: Por que a CRB? A Conferência não quer salvar a vida religiosa das Ordens e Congregações. Ela quer incorporar as potencialidades de cada uma ao progresso de todas. Esta é uma meta e uma perspectiva realista, fruto de uma consciência eclesial de unidade sem uniformidade. A vida é um mistério de redenção por solidariedade. As diferenças entre as Ordens e as Congregações encontraram na CRB formas inteligentes de conviver e crescer. Identidade individual no isolamento corre o risco de desaparecer. Falta-lhe o fundo para ser figura. A CRB quer ser um toque de permanente alerta para não se marchar atrás dos acontecimentos. Quer ter os olhos no futuro. A cada prenúncio de dificuldade, está pronta a fazer corresponder um ato com intenção clara de exame e debate. O confronto de idéias é benéfico e necessário para definir **guidelines,** parâmetros, marcos referenciais de uma vida religiosa para hoje. A CRB não vive uma utopia voluntarista: assim é porque quer. Não. A CRB é o que é, impulsionada pela presença, pela colaboração, pelo intercâmbio de esforços e informações que as Congregações e as Ordens e suas Comunidades lhe prestam. Participe sempre. Fuja da mediocridade que insiste em atropelar o livre intercâmbio de idéias, de esforços, de participação, de crescimento. A fé nos grandes princípios, inerentes aos nossos ideais de vida, abafará qualquer adversidade circunstancial. Dar e receber. Participar. É uma forma inteligente de convergir. (Pe. Marcos de Lima, SDB)

LIVROS NOVOS

J. A. Ruiz de Gopegui, SJ: **A Flor Impossível**. Salmos e Cantos de Esperança, Ed. Loyola, São Paulo 1978, pp. 134, 21cm x 14cm.

Em língua espanhola, existe um grande poeta que escreve cantos e salmos na perspectiva da libertação: E. Cardenal. Seus salmos são lidos, meditados em todo o Continente, por causa da beleza e força do texto. Em português, faltava-nos algo semelhante. São-nos conhecidos poesias de D. Pedro Casaldaliga, salmos de Frei Betto. Mas é muito pouco. Ruiz de Gopegui oferece-nos agora textos de fina inspiração poética ao lado de densidade de conteúdo numa perspectiva social, de compromisso com a justiça, com a libertação. Para as nossas liturgias, meditações e encontros, podemos servir-nos desse livro, que as Edições Loyola acabam de lançar.

É antes de tudo um canto de esperança como a dedicatória a nosso mártir P. João Bosco e à inocência entrevada de Myriam o exprime muito bem. A **Flor Impossível** nos projetos humanos é a ressurreição depois de morte violenta do filho inocente ou a libertação de um povo oprimido e pobre. Entretanto, como a Ressurreição aconteceu, a libertação está também escondida na fragilidade dos fracos, mas que Deus pode fazer nascer no lugar mais inverossímil.

Numa primeira parte, inspirado nos salmos da Escritura, com a liberdade própria do poeta, o autor traduz em oração com profunda beleza e sensibilidade gritos ao Senhor a partir de situações as mais diversas. Domina a idéia da esperança, confiança na força de Deus.

"Feliz quem põe sua certeza no Senhor
procurando seu rosto
ao caminhar na história
de mãos dadas com o pobre,
e ainda encontra um tempo
para falar com Deus após cada jornada" (p. 16).

"Vós, porém, os pequenos,
que não tendes mais refúgio do que Javé
podeis julgar-vos felizes.
Dirige a história
o enviado por Deus
para abrir uma saída às vossas vidas" (p. 19).

Aparece em toda a sua força a imagem do Deus defensor do pobre, o "goel", que se põe do lado do pequeno, sedento de justiça, e que se torna motivo de coragem na luta:

"Acorda, Senhor.
Luta ao meu lado.
Liberta-me dos temores infundados.
Com a história na mão
e contigo como escudo
retomarei o combate" (p. 22).

A morte do P. João Bosco oferece motivo para um salmo de esperança no sofrimento:

"Desperta, Senhor. Vem em socorro do teu povo.
Só resta uma esperança:
a da vida que nasce do supulcro inviolado do teu Filho.
Ao morrer indefeso e por amor,
a da vida que nasce do sepulcro inviolado do teu Filho.
Sem revólveres. Sem armas!" (p. 38).

E assim temos 14 salmos recriados de dentro de nossa realidade, que nos falam muito de perto e nos alimentam a confiança em Deus. São orações próprias para as pessoas comprometidas com os seus irmãos pobres e que sofrem a tentação, que o salmista bíblico tantas vezes expressou, de desanimar ao comparar a força dos adversários e com a própria fraqueza.

Na segunda parte do livro, estão 20 poemas. Aí, como observa o próprio autor, não existe a mesma homogeneidade de perspectiva que domina os salmos. Algumas poesias refletem momentos pessoais de busca de um encontro humano ou divino na oração. Outras são mais voltadas para o irmão necessitado. Umas refletem experiências existenciais diante do jogo dialético do vazio e do sentido no correr da vida, outras retratam descobertas que a presença do outro provoca em nós. Em todas, aparece o clima espiritual de oração, de presença de Deus, de percepção da Transcendência.

No mesmo estilo social dos salmos, temos três belos poemas: Diante de um mendigo, A Alegria Impossível e Natal com os pobres. São momentos altos do livro.

Quero crer em Ti, e estás tão longe!
Não posso largar o compromisso
— porque é teu —
de lutar por um mundo
em que todos, sem medos,
possam sorrir como crianças (p. 99).

Terminando o livro, há uma pérola de poesia dedicada a Maria.

Maria, a primeira
com um coração de pobre.
Maria a esperança
que nasce nos pobres, companheiros de pranto,
a certeza
dos pequenos largados à margem da vida.
A alegria
das crianças desprotegidas,
a boa nova do Reino
caminhando nas ruas,
o amor impossível.

Em outra passagem do poema diz:

Maria, a primeira
a guardar a esperança
sepultada na morte violenta
do filho inocente,
à espera
DA FLOR IMPOSSÍVEL
DA RESSURREIÇÃO (p. 131).

Esses pequenos exemplos citados servem para despertar-nos para a leitura do livro, onde certamente encontraremos alimento espiritual unido com beleza poética. Com isso, vamos criando a nossa literatura que serve de incentivo de esperança numa caminhada impossível para a fragilidade humana, como a Ressurreição, mas realidade pela força de Deus.

J. B. Libânio, SJ

DEUS SEGUNDO OS CRISTÃOS, Henri Bourgeois. Tradução do original francês **Dieu selon les chrétiens,** de Maria Cecília de M. Duprat. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 176.

Hoje o nome de Deus soa um tanto arcaico. Para muitos, mesmo aqueles que continuam a empregá-lo, já não significa tanto. Aprendemos a ficar admirados, a ficar angustiados, a resolver os nossos problemas sem pôr

Deus em questão. No dia a dia se fala pouco dele, mesmo entre os cristãos. Noutras épocas, certas pessoas teriam saudado esse desaparecimento como um progresso. Hoje registra-se o fato e nada mais. Todavia o nome de Deus continua a ter uma atualidade real entre alguns crentes, que lhe dão um sentido mais por sua concepção e decisão de vida do que por suas conversas.

Deus não é uma idéia. É um nome. Seu lugar é entre os homens, em sua vida. Jesus dá testemunho disso dizendo aos homens o que vale a sua existência, comprometendo-se totalmente ele próprio. É também nesta perspectiva que se deve questionar aos cristãos o que eles fizeram e o que estão fazendo da imagem de Deus. O que significa para eles crer em Deus, se se recusam em repetir definições e teorias? Que podem dizer honestamente em nome de sua fé, de sua tradição, de sua experiência, de seu modo de viver as questões atuais, comuns a todos?

Para ser pronunciado o nome de Deus deve ser sempre reavaliado por quem o fala, não daquele modo vago, próprio de certas conversações carolas, mas em opções claras e ousadas. Então, como dizer hoje o nome de Deus como uma **palavra plena?** HENRI BOURGEOIS contribui para este assunto — o mais clássico e tradicional da Teologia — com idéias novas, com uma perspectiva imprevista que, todavia, se impõe sem dificuldade.

OS SACRAMENTOS DA FÉ, Raymond Didier. Tradução do original francês **Les Sacrements de la foi,** da Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 168.

Que é um sacramento? Por que os sacramentos? Questões bem simples. Todavia, a resposta não vem por si, mesmo para numerosos cristãos que persistem em pedir o batismo ou o matrimônio e a frequentar a Eucaristia. A falta de afeição pelos sacramentos está acentuando-se. As decisões existenciais e os combates humanos não se realizam em outro lugar, fora dos ritos? Se se tem fé, de que serve o sacramento e, se não se vive dele, para que o sinal? Estas perguntas elementares são, na verdade, as mais importantes.

Usando dos recursos atuais das ciências do homem, ele mostra a que profundidade mergulha o enraizamento humano do sacramento, situando-o no fenômeno universal da ritualidade, hoje melhor conhecido. Mas, nesta prática bem ancorada no humano, ele ajuda a discernir o significado cristão irredutível: a comunidade que celebra não expressa somente a necessidade e o desejo dos homens tirados da própria história deles. Ela põe em ação palavras e gestos simbólicos através dos quais um acontecimento se torna atualidade: o da Páscoa.

Sem os sacramentos a Igreja corre o risco de não mais saber o que ela é. A fé passa a ser pura ideologia. A caridade se endurece em moralismo. A esperança se perde na imprecisão das utopias transitórias. OS SACRAMENTOS DA FÉ se empenha em fazer compreender o que se passa na prática sacramental da Igreja, define as probabilidades, que tem esta prática de autenticidade e de futuro.

Com o Papa Paulo VI,
reze assim,
pela América Latina:

Ilumina, Senhor,
os nossos Pastores,
para que,
unidos à Cátedra de Pedro,
dêem um novo impulso
à Evangelização
em nosso Continente
Latino-Americano.

Amém.